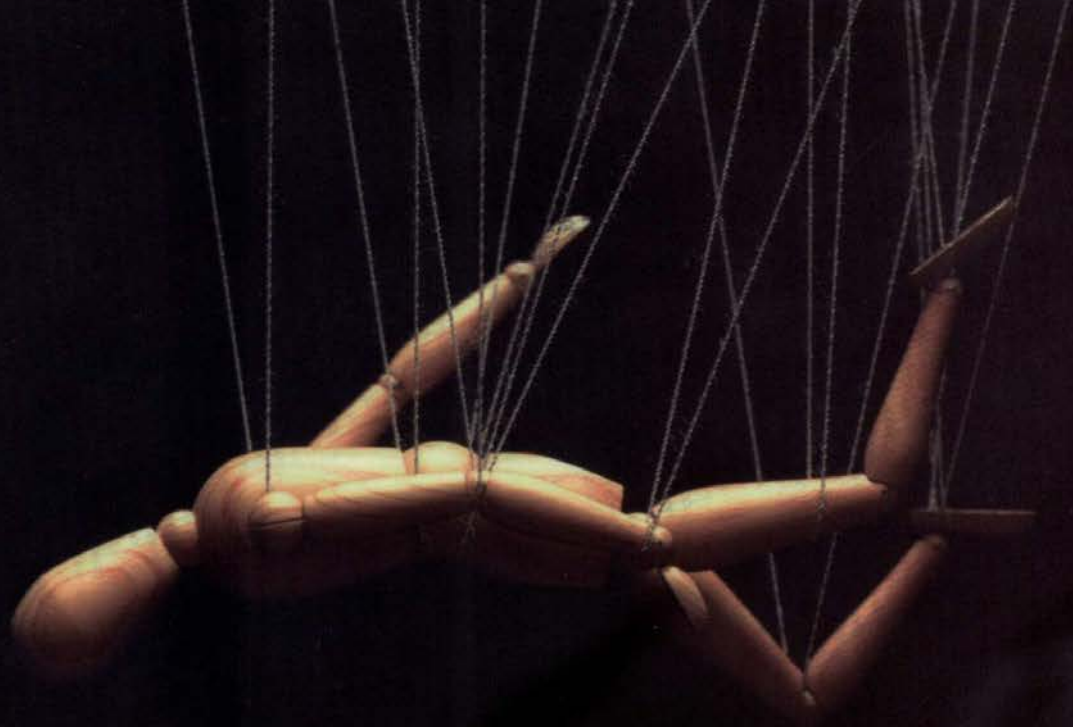




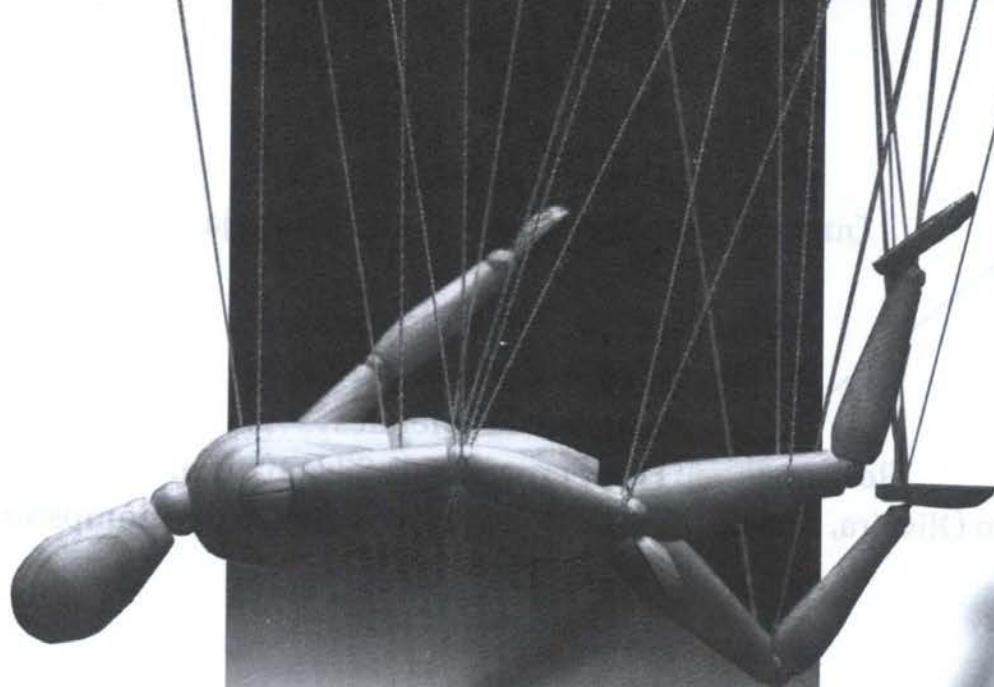
ABUSO ESPIRITUAL

[QUANDO O PERIGO ESTÁ
NO PÚLPITO DA IGREJA]

Alcione Emerich







ABUSO ESPIRITUAL

[QUANDO O PERIGO ESTÁ
NO PÚLPITO DA IGREJA]

Alcione Emerich



Abuso Espiritual
Quando o perigo está no púlpito da igreja

Primeira Edição – Outubro de 2016
Diagramação: Barbara Borges
Capa: Eurípedes Mendes
Revisão Final: Luiz Fernando da Silva Batista,
Edson Oliveira, Ana Gláubia de Sousa Paiva e Andrielly Thompsom

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte da edição deste livro deve ser reproduzida de forma alguma sem a autorização, por escrito, do autor, exceto em casos de citações curtas em artigos ou resenhas.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

© Emerich, Alcione

Abuso Espiritual - Quando o perigo está no púlpito da igreja
Almirante Tamandaré, PR: Editora Jocum Brasil, 2016.

128 páginas; 21 cm.

ISBN 978-85-60363-59-9

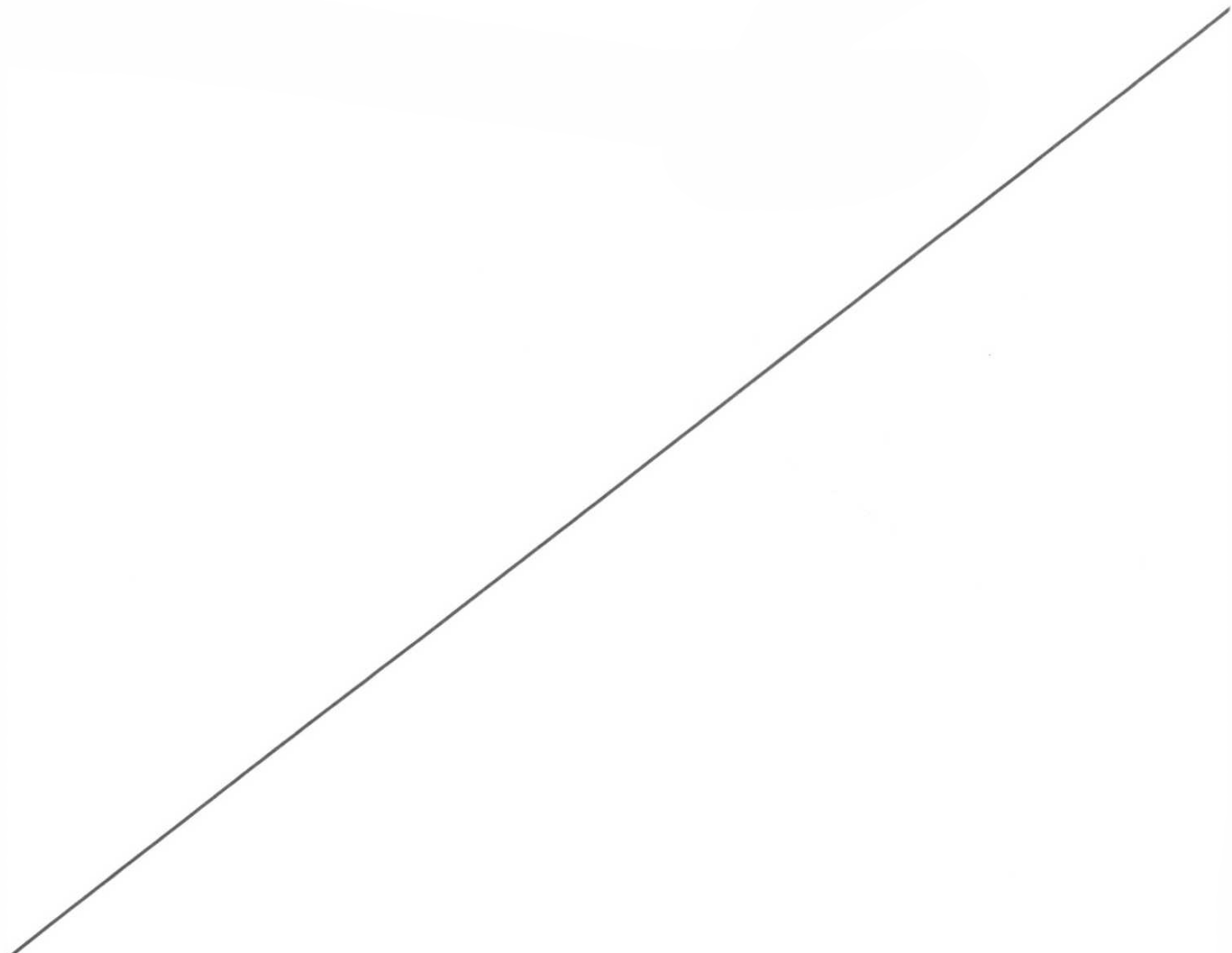
1. Vida cristã. 2. Discipulado. 3. Aconselhamento pastoral

I. Emerich, Alcione - II. Título.

CDD 230

Índice para catálogo sistemático:
1. Cristianismo e Teologia cristã - 230

Editora Jocum Brasil
Loja Virtual: <http://www.editorajocum.com.br>
E-mail: pedidos@editorajocum.com.br
Fone: 55 41 3657-2708



Para alguns evangélicos estar na igreja se transformou numa experiência dolorosa que os tem levado cada vez mais para longe de Deus

Revista Comunhão, junho de 2016

*Ninguém conservou por longo tempo
o poder exercido com violência*

Sêneca, 65 d.C

sumário

Apresentação	07
1. O experimento de Milgran: até onde você obedeceria a um líder?	13
2. O que é abuso espiritual?	19
3. O perfil do abusado	37
4. O perfil do abusador	47
5. Métodos de manipulação	71
6. Distorções teológicas que favorecem o abuso espiritual	87
7. As consequências do abuso	105
8. Conselhos finais	117
Apêndice	123



apresentação

Há alguns anos, comecei a investigar o problema do “abuso espiritual” dentro das igrejas. A título de esclarecimento, quando abordamos este assunto, estamos simplesmente falando de alguém que extrapolou os seus limites no exercício de autoridade. A autoridade agora confunde-se com “controle de vidas”, onde alguém, usando o nome de Deus e em benefício de sua posição espiritual, fere e manipula pessoas. Com o tempo, comecei a introduzir este tema em nossos cursos presenciais para conselheiros em treinamento, e sempre surpreso fiquei com o impacto que este assunto causava na vida de nossos alunos. Eu mesmo vim de uma estrutura de liderança onde passei por muitos abusos, mas depois também os cometi na vida de outros, mesmo

sem percebê-lo na época. Aliás, neste contexto “espiritual”, normalmente quem é abusado não desconfia, inicialmente, que está submetido a essa realidade. Apenas mais tarde, ao adoecer, o sujeito se depara já com muitos estragos feitos.

Ao descobrir este tema, como disse, comecei a introduzi-lo em nossos cursos, mas ficava intrigado em como iria abordá-lo nas igrejas em que eu fosse falar, pois o mesmo poderia “ameaçar” o modo como alguns pastores estavam exercendo a sua autoridade espiritual sobre o rebanho, ou mesmo o modo como muitos líderes faziam o seu trabalho. Depois de visitar as mais diferentes denominações desde 1994, comecei a constatar que nos últimos anos muitos líderes começaram a exceder os limites das suas funções e, por consequência disso, abusar de pessoas. O mal estava se alastrando em muitas denominações, muito embora esses líderes não tivessem consciência disso. O rebanho também pode não estar ciente de que sua liderança é abusadora.

Um fato interessante ocorreu há alguns anos, quando este tema já pulsava em minha alma. Fui convidado para estar num congresso com participação de quase duas mil pessoas, e neste público estariam presentes muitos líderes e pastores. Inicialmente, fui preparado para falar sobre o tema do “caráter e suas distorções”, pois julgava a importância desse assunto para aquele evento. Entretanto, durante a minha viagem, começou a latejar em meu coração, “fale de abuso espiritual...”. Inicialmente, fiquei pensativo se deveria mesmo

abordar este tema, uma vez que confrontaria bastante o estilo de liderança de muitos pastores, inclusive o meu mesmo. Mas, a cada vez que pensava na possibilidade de abordar essa temática, o sentimento ficava ainda mais forte, enquanto uma voz ecoava na minha alma “fale de abuso espiritual... fale de abuso espiritual...” Bom, já imaginando que esse tema causaria algum alvoroço naquele auditório, me senti desafiado por Deus a enfrentar mais esse desafio.

Uma coisa que me tranquilizou é que eu estaria falando desse assunto para uma plateia de “muitos líderes e pastores”, ou seja, eu não corria o risco de expor um líder local, caso fosse ministrar numa congregação específica. Bom, desse modo me senti mais à vontade, pois não estaria confrontando em especial qualquer autoridade espiritual que ali estivesse, já que a mensagem era para todos.

Antes de me deslocar a esse congresso, a organizadora já havia me pedido para eu pregar em sua igreja no domingo à noite. Eu tinha conhecimento de que o acampamento onde o congresso aconteceria pertencia também à sua igreja, muito embora o evento abarcasse diversas denominações do Brasil. Como minha mensagem era no sábado à noite, disse que poderia estender minha permanência no local até o domingo à noite. Segundo ela, tal pedido partiu do seu pastor presidente.

O dia esperado chegou! Tudo pronto para o início do congresso. Quando subi para ministrar, senti a unção de Deus naquele lugar. As palavras fluíam dos meus lábios como “fogo”. Deus estava ali, e a sua palavra veio com muita força e graça. Muitos gritavam “amém”, “aleluia”, “fala, Senhor”, etc., enquanto eu pregava. No final, convidei as pessoas que tivessem sofrido abuso espiritual na igreja para virem à frente, e como eu já previa, uma multidão dirigiu-se à frente em lágrimas profusas. Foi algo lindo o que Deus fez ali.

Entretanto, para minha surpresa, quando encerrei minha mensagem, e me desloquei até uma sala de descanso, a organizadora do evento veio ansiosa dizer para mim que o impacto da minha mensagem causara alguns dissabores em alguns líderes de sua igreja, em especial, ao seu pastor presidente. Ela me disse, “o pastor que é o líder deste acampamento não gostou do seu sermão, e antes que você encerrasse, ele juntou a família, e me parece que alguns dos seus líderes também, e se retirou do local bastante bravo”. Inicialmente, fiquei triste com esta notícia, mas ela em seguida veio me dizer, “infelizmente, o nosso líder é conhecido aqui na cidade e entre os pastores como alguém extremamente legalista e controlador. O seu grau de controle sobre as pessoas é absurdo, e, deste modo, a sua mensagem incomodou bastante. Ele não gostou”. Aliás, ela já foi logo adiantando, “ele já mandou um recado agradecendo a sua disponibilidade, mas que você não precisa ficar aqui no

domingo para pregar. Ele alegou estar ‘muito distante do púlpito da igreja, e que ele mesmo pregará’. Eu sabia que essa era uma boa “desculpa pastoral”.

Incomodado, tentei por algumas vezes falar com esse líder, mas ele terminantemente se negou a me atender. Não quis permanecer até o final para ao menos nos conhecermos. O saldo positivo foi que ao menos saí em paz daquele lugar, com a sensação de que preguei a mensagem que Deus queria que eu anunciasse ali. Mas ficou claro que a mensagem do abuso espiritual incomodou muita gente naquele lugar. Um amigo pastor, que estava no auditório, me contou que um líder denominacional chegou a ele e disse, “e agora, como vamos pastorear diante desta mensagem?”, ao que ele respondeu, “vamos pastorear sem abusar das pessoas, evidentemente”. Será isto possível? Exercer uma autoridade saudável, sem com isto manipular, dominar ou tolher a personalidade das pessoas?

Bom, eu espero que esse tema fale muito ao seu coração, seja você líder, seja você ovelha do Senhor Jesus – muito embora todos nós, sem exceção, em algum grau exerceremos autoridade sobre outras pessoas. Sabemos que, um dia, prestaremos contas a Deus de nossa liderança. Já proferido há quase dois milênios, o apelo de Pedro urge para os nossos dias atuais:

“Rogo, pois aos presbíteros que há entre vós, eu presbítero como eles, e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda co-participante da glória que há de ser revelada: pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente, como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória” (I Pedro 5:1-4).

1. o experimento de milgran:

até onde você obedeceria a um líder?

Numa cadeira de psicologia social deparei-me com o experimento de Stanley Milgram, um famoso psicólogo social, que em 1962 dirigiu um experimento que chocou o mundo da época e que ficou conhecido como o “experimento de Milgram”. Por favor, preste atenção às próximas linhas.

Intrigado com os milhares de pessoas mortas na Segunda Guerra Mundial, Milgram resolveu investigar o poder de uma pessoa investida de autoridade, e até que ponto uma pessoa submetida a ela ouviria a sua voz e atenderia aos seus comandos, mesmo que esses comandos implicassem maltratar ou mesmo colocar a vida de um terceiro em risco de morte. Até que ponto um sujeito obediente iria atender a uma autoridade?

Milgram publicou um anúncio na Universidade de Yale, nos Estados Unidos, buscando voluntários para um experimento sobre “testes de memória”. Sua “pretensa” tese a ser avaliada era de que as pessoas aprendem melhor quando são punidas por algum erro. Simulando avaliar esta hipótese, sua equipe conseguiu 40 voluntários para o teste, sendo todos homens entre 20 e 50 anos de idade, recebendo 4 dólares para participar do experimento. As profissões desses homens eram das mais diversas, desde pessoas muito qualificadas profissionalmente, até aquelas sem alguma qualificação.

No início do experimento, eles foram apresentados para outro participante, que na verdade era um cúmplice (ator) da equipe de Milgram. Eles sorteavam quais papéis exercerem (o de aluno ou o de professor), embora o cúmplice (ator) acabasse sempre sendo o “aluno”. Havia também um “pesquisador” vestido com um jaleco cinza, interpretado por outro ator (também cúmplice). Duas salas do Laboratório de Interação na Universidade de Yale foram usadas - uma para o aluno (com uma cadeira elétrica) e outra para o professor e pesquisador com um gerador de choque elétrico. O “aprendiz” (ator e cúmplice) foi amarrado a uma cadeira com eletrodos. Depois que ele tivesse aprendido uma lista de pares de palavras que lhes foram dadas para aprender, o “professor” (voluntário na pesquisa) testá-lo-ia, falando o nome de uma palavra e pedindo para o aluno lembrar qual era seu par de uma lista de quatro possíveis escolhas.

O professor (o voluntário) é instruído a administrar um choque elétrico cada vez que o aluno erra, aumentando o nível de choque a cada vez. Havia 30 chaves no gerador de choque, que variava de 15 volts (ligeiro choque) a 450 (choque grave). O aluno (ator) errava a resposta propositalmente na maioria das vezes, e, em cada vez, o professor (voluntário) precisava lhe dar um choque elétrico. Quando o professor (voluntário) se recusava a administrar um choque, o experimentador (o ator) lhe repetia uma série de frases de estímulo para garantir que eles continuassem. Havia quatro frases, e se a primeira frase de estímulo não fosse seguida, o experimentador lia a segunda frase, e assim por diante.

Estímulo 1: Por favor, continue.

Estímulo 2: O experimento requer que você continue.

Estímulo 3: É absolutamente essencial que você continue.

Estímulo 4: Você não tem outra escolha a não ser continuar.

Caso o participante se negasse a fazê-lo depois da quarta frase, o experimento era interrompido. Caso contrário, o experimento só era interrompido ao chegar na voltagem mais alta, ou seja, 450 volts. Ao final do experimento, Milgram era chamado na sala como um auxiliar do "pesquisador" para fazer algumas perguntas ao professor (voluntário), como o porquê de ter continuado, mesmo quando escutava os gritos de dor do outro ou quando o outro não emitia mais nenhum ruído ou respondia às questões.

Na época, cerca de 40 psiquiatras americanos foram entrevistados acerca deste experimento e lhes foi perguntado quantos destes voluntários iriam até o fim do experimento, ou seja, acionariam a chave de 450 volts de choque, o que poderia ocasionar a morte do aluno do outro lado da sala. Os psiquiatras acreditavam que apenas 1% dos voluntários iria até o final do experimento, pois partiam da premissa de que 1% da população americana é sádica¹.

O resultado surpreendeu quando 65% dos participantes continuaram até o mais alto nível de 450 volts. Ou seja, *de cada três participantes, dois aplicaram o choque fatal numa pessoa, tudo porque uma autoridade ao lado lhes comandava que assim fizessem*. Outro fato impressionante: Todos os participantes continuaram dando choques até 300 volts.

Uma das descobertas de Milgram é que muitas pessoas alegaram ter apertado o botão de 450 volts *simplesmente porque estavam cumprindo uma ordem e porque ali havia uma autoridade que assumia todas as responsabilidades*. “Eu estava apenas cumprindo ordens” ou “eu sozinho não faria isso”. Em algumas ocasiões, durante o experimento, alguns perguntavam ao homem de jaleco cinza (o pesquisador), “Você assume a responsabilidade pelo que acontecer?”. “Sim”, respondia o ator, se passando por pesquisador, e assim prosseguiam dando os choques que poderiam ser letais para a pessoa que supostamente os recebia. Milgram comenta,

¹ Sentimento de prazer obtido com o sofrimento ou dor alheia.

“A pessoa que, por convicção, odeia roubar, matar e assaltar pode ver-se executando algum destes atos com relativa facilidade ao cumprir as ordens de uma autoridade. O comportamento que é inimaginável numa pessoa que esteja agindo por conta própria pode ser executado sem hesitação quando feito sob ordens.”²

Em outro trecho Milgram comenta,

“A essência da obediência consiste no fato de que uma pessoa se veja como instrumento de realização dos desejos de outra pessoa, e a partir daí a primeira pessoa não se acha mais responsável por suas ações. A obediência é um elemento básico da estrutura da vida social. É sempre necessário algum tipo de autoridade na vida grupal, e apenas o homem que vive isolado não é forçado a atender, através do desafio ou da submissão, às ordens dos outros homens. A obediência, como determinante do comportamento, tem particular importância na época atual”³

Entretanto, o psicólogo social alerta,

“Foi demonstrado de modo convincente que, de 1933 a 1945, milhões de pessoas inocentes foram sistematicamente mortas por pessoas que cumpriam ordens. Câmaras de gás

² Milgram, Stanley. *Obediência à autoridade*, Editora Francisco Alves, pp.10.

³ *Idem, ibidem.*

*foram construídas, campos de extermínio eram vigiados, cotas diárias de cadáveres eram cumpridas com a mesma eficiência que se tem na fabricação de mercadorias. Essa política desumana pode ter se originado na mente de uma só pessoa, mas só poderia ter sido executada em larga escala se um grande número de pessoas obedecesse às ordens.”*⁴

A pergunta que se faz é: como esse experimento funcionaria aplicado a uma igreja ou organização local? Existem líderes que visando um “bem maior” (como o suposto experimento de Milgram que visava estudar a memória) são capazes de influenciar pessoas para cometerem o mal? Dentro de uma igreja pessoas podem ser seduzidas a manipular ou prejudicar outras, simplesmente porque estão cumprindo ordens?

Como estou escrevendo um livro pensando em líderes cristãos, eu penso que a experiência de Milgram pode muito nos ajudar. Fica aqui o alerta para as autoridades espirituais, para que meçam os seus atos, e vejam até que ponto pessoas sob a sua influência podem acatar os seus conselhos, e com um agravante: usando o nome de Deus. Os que se submetem a uma autoridade precisam também estar alertas. O experimento citado demonstra que pessoas podem fazer o mal quando obedecem “cegamente” a uma autoridade insuflada em seu eu e adoecida pelo seu pecado. Que Deus nos conceda discernimento!

⁴ *Idem, ibidem,*

2. o que é abuso espiritual?

Há pouco mais de meio século, o mundo testemunhou com assombro o poder destrutivo de um líder através de Adolf Hitler. Ele conseguiu influenciar uma nação inteira incutindo em suas mentes os seus mais terríveis propósitos. Cerca de seis milhões de judeus foram mortos nos campos de concentração. Hitler tinha uma capacidade retórica invejável e perigosíssima. Para ele o povo, o seu próprio povo alemão, as massas, *eram grossas, mentalmente prejudicadas e burras* (HITLER, 2000, p. xxiii). Em 1926, num dos seus discursos inflamados, falando para cerca de 200.000 berlinenses, ele afirmou com estes termos: “As amplas massas são cegas e estúpidas e não sabem o que estão fazendo. Suas atitudes são primitivas” (KERSHAW, 1998, p.287). Embora ele estivesse

falando dos próprios alemães, acreditem, ele foi aplaudido de pé.

No campo religioso, objeto deste livro, a humanidade já testemunhou casos absurdos. Alguns biógrafos afirmam que a igreja “Templo dos Povos”, do Reverendo Jim Jones chegou à marca de vinte mil membros. Qual pastor já não sonhou com esta cifra de membros? Esse líder, no mais alto processo de adoecimento e cegueira, vendo-se fracassado em seus ideais, conseguiu convencer quase mil pessoas a cometerem um suicídio em massa, persuadindo inclusive muitos pais a darem cianeto de potássio aos filhos. Detalhe: o veneno veio na forma de suco de uva, possivelmente numa referência indireta à Santa Ceia. É trágico e fatídico! Além das centenas de adultos mortos, cerca 270 crianças perderam suas vidas. Veja a força de um líder espiritual, aqui neste caso para o mal.

No ano de 2001, tive o privilégio de participar de um congresso em São Paulo coordenado pela Sepal (Serviço de Evangelização para a América Latina), onde o ministrador principal foi o escritor americano Neil Anderson. Ele é o presidente e fundador do ministério *Freedom in Christ Ministries* que tem sede em vários países. Dentre todas as palestras preciosas que foram proferidas ali por este autor, algo que ele disse me chamou muito a atenção. Ele fez menção de uma pesquisa nos Estados Unidos que investigou a vida de líderes fracassados, nos mais diferentes contextos: pastores, empresários, empreendedores, dentre outros. Segundo

Anderson, os autores da pesquisa investigaram quais eram as principais marcas ou características mais peculiares na vida de um líder que fracassou no seu projeto de vida. Chegou-se então a quatro fatídicas marcas que provocariam derrota em qualquer um que as tivesse. Sem importar a ordem de gravidade, concluiu-se que líderes que sucumbiram nos seus projetos demonstraram fraqueza em quatro áreas: eram orgulhosos (soberba), optavam por caminhar isoladamente (sem qualquer prestação de contas), tiveram problemas de queda na área sexual (adultério, por exemplo) e tinham um perfil de “dominação sobre pessoas” (eram autoritários). Eis a receita dos quatro componentes que precedem a queda.

O que vou tratar nas páginas seguintes é algo que denomino de “abuso espiritual”, e que tem forte relação com o que comumente chamamos “autoritarismo” ou “abuso de poder”. Desde já quero dizer que uma obra que influenciou bastante a escrita deste livro é da autora e jornalista Marília de Camargo César, *Feridos em nome de Deus*¹. Este meu novo trabalho editorial que trago para você é fruto de situações vividas e experimentadas por mim, de maneira dolorosa, ao longo da minha vida. Desse modo, esta obra se assemelha, em muitos aspectos, com outras da minha autoria. Primeiramente, o Senhor permite que eu passe por uma dor e, em seguida, ele descortina para mim que aquela dor teve um propósito e como ela cooperou para o meu crescimento. Vale lembrar

¹ César, Marília de Camargo. *Feridos em nome de Deus*, Editora Mundo Cristão, São Paulo, 2009.

aqui uma frase do autor norte- americano Rick Warren, “A sua dor é o seu ministério”². Desse modo, já aprendemos que, na nossa história de vida, nada é descartável. Pelo contrário, quando falamos de algo que experimentamos, falamos de algo que nos foi significativo justamente porque conhecemos experiencialmente. Lembro-me de um professor de Filosofia que tive, o qual dizia:

- Quem fala “sobre” fala de fora, porque fala acerca de algo. Mas quem fala “desde” fala de dentro, porque fala a partir da experiência vivida.

Dentre os assuntos que comecei a pesquisar ultimamente está o abuso espiritual. Entretanto, antes de tratar mais especificamente desse assunto, gostaria de lembrar que na década de noventa eu me converti e logo comecei a trabalhar com batalha espiritual, área por que me interessei e que estava muito em voga naquela época. Mas, por que trago essa lembrança à tona? Porque me recorro também de uma afirmação do psiquiatra cristão, Fábio Damasceno, que, refletindo sobre a ação diabólica no decorrer dos tempos, considerava que as manifestações demoníacas não cessaram, mas, sim, que o diabo foi mudando sua maneira de agir ao longo dos tempos.

² Warren, Rick. *Uma vida com propósitos*, Mundo Cristão, São Paulo

Tal afirmação me chamou a atenção, uma vez que comecei a perceber que uma forma muito grave, porém muito sutil de o diabo agir, sobretudo no meio da igreja, é por meio da religiosidade.

Depois, outro assunto pelo qual me interessei e que passei a estudar, foi o caráter, sobretudo em suas falhas e deficiências. A junção que fiz desse espírito sutil e diabólico da religiosidade com um caráter deficiente, somada às leituras que continuei fazendo sobre abuso espiritual e a formação e deformação do caráter, permitiu-me olhar para dentro de mim mesmo, para a minha história como crente e constatar que fui vítima de abusos, como também concluí que eu também apresentava o perfil de um abusador. Essas constatações e conclusões me impulsionaram a estudar este tema, a refletir acerca dele e a escrever sobre ele, mas na perspectiva de quem não apenas passou por abusos, mas que também os praticou contra outras pessoas. Foi o próprio Jesus que nos ensinou, dizendo:

“E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8:32).

Eu precisava conhecer e reconhecer que fui abusado espiritualmente, mas que também fui um abusador, a fim de que pudesse encontrar na Palavra o recurso necessário para ser tratado, curado e restaurado. Isso porque, até certo momento da nossa vida, parece que ficamos cegos, que não

conseguimos discernir a que situações nos submetemos e a que situações submetemos os outros. Até que chega o momento em que a luz nos alcança, nossos olhos são abertos e percebemos que há alguma coisa errada, e que precisa ser mudada.

DISCERNINDO A FEITIÇARIA

O texto de I Samuel 17, que inicia este livro, é muito usado por pastores e pregadores, em geral, para repreender o crente quanto ao fato de que o pecado de rebelião é como o pecado de feitiçaria (v.23). Entretanto, poucos prestam atenção ao fato de que essa verdade está sendo usada para repreender um líder. O maior rebelde nesse trecho de I Samuel 17 era o rei Saul. Samuel dirige-se ao rei e lhe diz:

- Saul, o seu pecado, a sua rebelião contra Deus faz de você um feiticeiro!

Se o abuso espiritual – que é também abuso de poder, portanto, abuso de autoridade – é o pecado que, em grande parte, antecede a queda de muitos líderes, é também um comportamento que pode causar feridas cuja cicatrização e cura podem levar anos, além de produzir danos incalculáveis a suas vítimas. Não é à toa que Pedro, quando escreveu uma de suas cartas à igreja (I Pedro 5: 1-4), disse aos líderes:

- *“Rogo, pois, aos pastores e líderes, como eu, que há entre vocês: Pastoreiem, liderem o rebanho de Deus. Porém, fujam destas três motivações: não o façam como se fosse um peso. Se for por peso, questionem-se a respeito disso, pois pode ser que estejam no lugar errado. Segunda motivação errada: não o façam por sórdida ganância. A motivação não pode ser financeira, ou seja, não exerça o chamado objetivando o enriquecimento. Terceira motivação errada: não exerçam o chamado dominando pessoas, ou seja, não sejam dominadores dos que lhes foram confiados, porém tornem-se exemplos para elas. Agindo assim, vocês receberão o maior galardão dado pelo próprio Jesus, o Senhor da igreja.”*

Quando começamos a estudar o abuso e suas manifestações, percebemos que ele nada mais é do que o pecado da feitiçaria. Paulo, em Gálatas 5: 19-21, quando fala das obras da carne à igreja da Galácia, não fala apenas da prostituição, da lascívia, de inimizades e de invejas. Ele fala também de idolatria e, ao lado desta, da feitiçaria como obras da carne:

“Ora, as obras da carne são conhecidas, e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, gluttonarias, e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já outrora vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam” (Gálatas 5:19-21).

Alguém poderia perguntar-se:

- Pode haver problemas relativos à idolatria dentro da igreja?

Resposta: Sim! Muitas vezes, idolatra-se o pastor da igreja, idolatra-se a própria igreja, idolatra-se a doutrina, idolatra-se a denominação etc. “Os ídolos que criamos com as nossas mentes são tão ídolos como aqueles que criamos com as nossas mãos” ³

Certa vez, em uma visita a uma igreja presbiteriana nos Estados Unidos, num trabalho de libertação para o qual fui convidado, o pastor daquela igreja disse:

- Quem vem para nossa igreja tendo sido batizado, por exemplo, na igreja católica, nós não refazemos o batismo.

Eu perguntei àquele pastor:

- E a questão da idolatria vivenciada por tal pessoa?

Ele me respondeu:

- Idolatria por idolatria, nós também temos as nossas!

³ Comentário do revisor Edson Oliveira, Rio de Janeiro, RJ.

Infelizmente, tenho que concordar que há muita idolatria no meio evangélico. Por essa razão, Paulo fala da idolatria como obra da carne. Mas o apóstolo também fala que a feitiçaria é uma obra da carne. E como a feitiçaria se manifesta no meio da igreja evangélica?

Primeiramente, quero considerar que acredito que a maioria das pessoas que frequenta a igreja e dela faz parte não busca o ocultismo, não participa de rituais de magia negra, nem faz consulta a mortos. Então, o que é essa feitiçaria a que Paulo se refere?

Quando se estuda o fenômeno espiritual, religioso, a ideia que se tem é que religião é a crença num Deus soberano por meio de uma *relação em que o homem se submete à vontade da divindade*. Na religião, o cerne é a vontade de Deus. Em razão disso, pode-se concluir que a fé cristã é contemplada por esse conceito, uma vez que está centrada na satisfação da vontade de Deus, na qual aquele que se relaciona com Deus busca conhecer qual é a Sua vontade, sujeitando-se a ela porque entende que é boa, agradável e perfeita (Romanos 12:2).

Entretanto, o que vem a ser a feitiçaria? *A feitiçaria nada mais é que a crença em um deus ou em deuses, em espíritos, em entidades, em cuja relação com a divindade busca-se manipulá-la, coagi-la para que faça não o que ela quer, mas que se faça aquilo que aquele que se relaciona com ela deseja.*

Um exemplo de feitiçaria são aqueles panfletos ou cartazes que anunciam que *Mãe fulana promete trazer em sete dias seu amor de volta*. Por que isso não é religião, mas é feitiçaria? Porque o que aqueles panfletos ou cartazes estão dizendo é que basta ao indivíduo dirigir-se ao local indicado, e que lá espíritos serão manipulados a fim de que a vontade da pessoa seja atendida. Na feitiçaria, não é o que Deus quer, mas o que o homem quer!

Pode-se dizer, então, que a feitiçaria é a tentativa humana de exercer controle, sem a presença e a permissão de Deus. É o desejo de assenhorear-se de algo ou de alguém. É querer ser dono sem o consentimento do Senhor.

A questão é quando líderes, dentro da igreja, decidem ser donos das pessoas. Quando falamos de líderes pensamos em qualquer pessoa que está imbuída de autoridade. Precisamos saber que todos estão sob autoridade e exercem autoridade. O problema se dá quando, em virtude da posição ocupada, líderes começam a abusar das pessoas, tentando controlá-las, manipulá-las. Essa prática ou comportamento é uma faceta da ação satânica, a qual, sem dúvida, é menos visível, por isso mais sutil, vindo, quase sempre, camuflada com versículos bíblicos, com uma vestimenta cristã.

O PRINCÍPIO DA AUTORIDADE

Evidentemente, a premissa da autoridade é bíblica, saudável e salutar, ou seja, o princípio da autoridade é um legado divino. O princípio da autoridade, da liderança, é algo tão natural que não há pessoa que tenha vindo a este mundo sem estar sob algum tipo de autoridade. Toda pessoa, quando nasce, já está sob a liderança dos pais, que são aqueles que vão cuidar dos filhos, instruindo-os, orientando-os e amando-os.

Na estrutura familiar, Deus estabelece a esposa como auxiliadora do homem, sendo este o cabeça. Com isso, o Senhor estabelece uma estrutura hierárquica. A cadeia de autoridade é uma extensão de comando que foi estabelecida pelo próprio Deus com o objetivo de organizar, proteger e viabilizar uma administração efetiva. Sem uma cadeia de autoridade não haveria o conceito de sociedade, pois todos viveriam desordenadamente. O pior sistema de governo é ainda menos pior do que governo nenhum ⁴.

A desarmonia com os princípios de autoridade impõe os piores quadros de confusão, perversão e insegurança. Paulo escreveu aos romanos, dizendo:

“Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores”
(Romanos 13:1a).

⁴ Borges, Marcos de Souza, *Cura e Edificação do Líder*, Editora Jocum

Não há como viver sem autoridade. Para onde o indivíduo for, haverá algum tipo de exercício de autoridade sendo exercido. Quando uma pessoa vai a um banco, lá existe algum tipo de autoridade. Quando se vai a uma padaria, também lá se verifica o mesmo. Há sempre alguém do outro lado do balcão que é uma autoridade naquele lugar. Em todos os locais, em todas as situações haverá uma cadeia hierárquica. Por esta razão Paulo continua a escrever aos romanos, dizendo-lhes:

“[...] porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas. De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação” (Romanos 13:1b-2).

Isso significa que resistir à autoridade, transgredindo o seu princípio, é trazer sobre si mesmo condenação.

O problema, entretanto, é que, dada a investidura da autoridade, algumas pessoas vão desenvolver uma postura positiva, lícita, salutar e coerente com as Escrituras. Outras, porém, também investidas de autoridade, vão exercê-la de modo negativo, ilícito, pernicioso e anticristão.

O grande teólogo Martyn Lloyd Jones disse que *“o diabo é o pai dos extremos”*⁵. O que ele está dizendo é que Satanás é extremista. Se a rebelião – que é um extremo – é um

5 *Idem, O combate cristão, PÊS*

problema, o abuso de poder é outro problema que vai causar adoecimento.

Às vezes, faz-se confusão entre dois conceitos próximos, porém distintos, quais sejam, “obediência” e “honra”. Por mais paradoxal que possa parecer, *é possível desobedecer sem desonrar*. A Bíblia diz que honrar é preciso. Davi é um exemplo disso. Ele esteve sob a liderança de um rei – chamado Saul – que talvez tenha sido um dos reis mais perigosos para a vida de Davi. Saul era especialista em arremessar lanças, e Davi teve que se especializar em desviar-se delas. Davi, portanto, torna-se um fugitivo da ira desse rei, que ainda estava investido de autoridade, mas não lhe deixa de prestar as honras devidas. Por duas vezes Davi teve a oportunidade de matar Saul, mas não o fez. Houve uma ocasião em que os homens de Davi lhe disseram:

“[...] Eis aqui o dia, do qual o Senhor te diz: Eis que te dou o teu inimigo nas tuas mãos, e far-lhe-ás como te parecer bem aos teus olhos” (I Samuel 24:4a).

A situação era propícia. Davi era perseguido ferozmente por um rei que queria matá-lo, o qual, naquele momento, estava dormindo numa caverna. Seria a grande oportunidade. Davi poderia até pensar:

- Já fui ungido mesmo rei de Israel por Samuel... Por que não dar essa “mãozinha” para Deus?

Davi poderia ter liquidado Saul, porque o rei queria acabar com a vida dele. Seria legítima defesa!

Davi, nessa ocasião, aproximou-se do rei, que estava dormindo, e cortou a orla do seu vestido. Mas essa atitude causou profundo pesar ao seu coração (I Samuel 24:5), de modo que ele disse aos seus homens:

“[...] O Senhor me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, isto é, que eu estenda a mão contra ele, pois é o ungido do Senhor” (I Samuel 24:6).

A despeito do desejo que Saul tinha de matá-lo, havia em Davi a plena convicção de que deveria respeitar a autoridade de que o rei ainda estava investido. Davi, na verdade, sabia que Deus é quem iria tratar daquela situação com Saul. Davi entendia o princípio da autoridade.

Quantas vezes filhos têm pais que só a graça de Deus para ajudar a suportá-los. Mas, mesmo assim, eles continuam sendo pais. Às vezes, porque o pai é um alcoolista, o filho não se submete à autoridade paterna, antes o enfrenta e o afronta, desonrando-o. Por mais paradoxal que isto possa parecer, lá na frente, no futuro, esse mesmo filho começará a sofrer as consequências da desonra praticada por ele.

Pai é pai; mãe é mãe. O princípio da autoridade deve ser honrado. Isso não significa que se deve concordar com tudo o que os pais falam. Em algumas vezes, como Davi, é necessário escapar, desobedecer, mas sem deixar de honrar, porque os pais são ungidos de Deus e, se procederem mal, vão tratar com o Senhor.

No que se refere aos líderes, tratando-se da questão do abuso, e considerando a autoridade como um remédio, é preciso entender que ela tem que ser dada na dose certa, porque, ainda que imprescindível, o seu excesso ou o seu mau uso pode causar danos irreparáveis. Às vezes, o que é um veneno? Trata-se de um remédio, que pode curar, mas que, pelo fato de ter sido ministrado exageradamente, pode até matar.

Assim é o abuso. Ele provém de uma pessoa que tem autoridade para liderar, coordenar, administrar, proteger, mas que exagera no exercício da liderança que tem. E, em virtude dessa autoridade mal exercida, o líder começa a abusar das pessoas, tolhendo e cerceando a liberdade delas, ou seja, transcendendo limites de uma liderança saudável.

DEFININDO O QUE É ABUSO ESPIRITUAL

Segundo Marília de Camargo César, o abuso espiritual pode ser definido como *o encontro de uma pessoa fraca e uma pessoa forte, em que a forte (líder) usa o nome de Deus para*

*influenciar a fraca (liderada) e levá-la (geralmente usando o nome de Deus) a tomar decisões que acabam por diminuí-la física, material, espiritual ou emocionalmente*⁶. Em outras palavras, abuso espiritual é um tipo de relação em que o maior beneficiado será o líder abusador em detrimento do liderado abusado. Entretanto, não podemos deixar de concluir que a pessoa abusada também terá seus “benefícios” nesta relação, como: comodismo, alguém que decida a sua vida, que tome decisões por ela, que assuma as suas responsabilidades, etc. Mas, num curto prazo, percebe-se que os tais ‘benefícios’ virão com um altíssimo custo.

Pensando em termos simples, podemos ampliar ainda mais essa ideia do abuso. Quando tomo um objeto, por exemplo, para um determinado uso, como seria a forma de eu “abusar” do mesmo? De duas maneiras: ou levando-o a fazer algo para o qual não está habilitado ou exigindo dele além do que pode dar. Um exemplo tosco: eu amo água de coco, e sempre costumo comprar alguns para tomá-los em casa. Mas sempre acabo pegando uma faca pequena e inadequada para abri-los (aliás, minha mulher sempre fica brava comigo por causa disso). Resultado: lá pelo terceiro coco a faca já esfarelou-se. Assim, é um tipo de abuso o que acabo fazendo com essas “pequenas facas”. Eu precisaria, na verdade, de um “facão”!

6 *Idem, Feridos em nome de Deus, Mundo Cristão, São Paulo.*

É comum alguns aparelhos eletrônicos que compramos terem o seguinte aviso: “Apenas para uso doméstico”. O que isto quer dizer? Se eu usá-lo fora da finalidade para o qual foi feito (que é residencial) e em excesso (muito continuamente), eu estarei cometendo abuso contra esse aparelho, sujeitando-o a uma sobrecarga. Assim também pode se dar no campo das relações humanas, onde uma pessoa, em virtude de sua posição, abusa da outra.

Concluimos: Se pessoas são colocadas em lugares ou posições para as quais não estão devidamente preparadas, podem sucumbir num processo de adoecimento. Se são exigidas em excesso, poderão também ser submetidas a uma “sobrecarga” espiritual ou emocional. Como resultado, acabam sendo exauridas e perdendo-se.

3. o perfil do abusado

Minha querida mãe é uma mulher que sempre buscou a Deus com sinceridade de coração. O seu pensamento voltado aos dons espirituais fez com que ela sempre estivesse aberta às profecias e revelações. Deixo claro de antemão que também acredito na ação sobrenatural de Deus e que ele fala ao homem usando os seus profetas. Entretanto, esse é um campo fértil para o engano. Basta lembrar que Pedro revelou a identidade de Jesus dizendo a ele, “tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”¹, surpreendendo a todos, mas cinco minutos depois, chamou Jesus à parte e passou a repreendê-lo dizendo que o mesmo não passaria pelos sofrimentos da cruz, ao que Jesus lhe disse, “Arreda, Satanás; pois não cogitas das coisas de Deus, e sim

¹ Mateus 16:16

dos homens”². Pedro foi boca de Deus e, instantes depois, boca do diabo.

Minha mãe começou a ter a influência de uma dessas irmãs de oração. Aparentemente ela falava muitas coisas que vinham do altar de Deus. Entretanto, não demorou muito para que os abusos começassem. Eu só fiquei sabendo disso muito tempo depois, pois ela decidiu não contar para mim. Um dia essa irmã de oração disse à minha mãe: “Deus me revela que você vai ser usada para me dar um carro”. Isto pode parecer inicialmente cômico, mas para uma pessoa que respeita as coisas de Deus e, sobretudo, a autoridade de um líder espiritual, essa palavra pode soar como algo vindo como uma ordem de Deus. Minha mãe, de coração aberto, disse a ela que se tivesse condições lhe daria o veículo. O detalhe é que na época minha mãe vinha de muitas angústias, pois passava pelo seu divórcio. O tempo passou e minha mãe não comprou o tal carro à profetisa. Os dias se passaram, quando então essa mulher apareceu numa das reuniões com um carro, e este havia sido dado por outra pessoa. Ela então se dirige à minha mãe e lhe diz, “Na verdade, era você que Deus queria usar. Mas como não obedeceu, Deus levantou outra pessoa”! Minha mãe não se conteve e caiu em pranto, alegando que se tivesse condições teria comprado. Somente alguns anos depois fiquei sabendo dessa história, o que muito me indignou.

² Mateus 16:23

Você que lê este relato pode achá-lo absurdo e infantil, e até dizer, “isto não aconteceria comigo!”, mas durante estas páginas quero relatar outras histórias que demonstram o poder que um líder tem para influenciar o seu liderado. Liderança é influência, seja para o bem, seja para o mal. O líder pode gerar saúde nos seus liderados, mas ele também pode promover morte. Jesus é o nosso padrão de líder-servo que, por meio de doze homens, revolucionou a história da humanidade. No entanto, nós temos na Bíblia outros tipos de líderes abusadores, como foi, por exemplo, Saul, que investiu anos de sua vida perseguindo o jovem Davi, devido ao seu destaque como guerreiro. Saul não suportava o sucesso alheio, muito menos, o de um liderado.

A pergunta que devemos fazer é: Quem são as pessoas que normalmente sofrem abuso dentro das igrejas? Qual o seu perfil? Quais as suas características? A partir de agora traçaremos algumas das características que, normalmente, estão presentes na vida dessas pessoas e que as tornam suscetíveis ao abuso.

ASPECTO INTELECTUAL

Em primeiro plano, o abuso ocorre independentemente da classe social ou do grau de instrução que se possua. A razão disso é simples: porque o abuso espiritual ocorre em decorrência de “carência afetiva”. O abuso espiritual não

é racional da parte de quem o sofre. Ele ocorre no âmbito da alma, nas emoções. É dentro do coração carente que ele é processado. A pessoa abusada anseia honrar seu líder, amá-lo, sem a noção de que busca, no fundo, suprir buracos abertos deixados por pessoas importantes que passaram por sua vida.

ASPECTO ESPIRITUAL

Normalmente, quem é abusado possui uma fé genuína. Suas intenções são as melhores possíveis diante de Deus. Entretanto, quando essa fé genuína está associada à ignorância e ao desconhecimento das Escrituras, e isto acaba por promover o ambiente espiritual necessário para que ocorra o abuso. Desse modo, quanto menos conhecimento das Escrituras a pessoa tiver, mais o abusador vai exercer influência sobre ela, camuflando suas reais intenções e distorcendo a Palavra de Deus com a finalidade de atender a seus interesses, vontades e caprichos.

Segundo Marília de Camargo Cesar³, além da combinação dos dois primeiros fatores, soma-se a eles a cultura religiosa brasileira, que favorece a ocorrência do abuso, uma vez que a maioria das pessoas que se converte ao evangelho tem suas raízes no catolicismo ou no espiritismo, nos quais, notadamente, há a presença de intermediários.

3 *Idem, Feridos em nome de Deus, Mundo Cristão, São Paulo.*

No catolicismo, para o fiel chegar a Deus, ele vai recorrer a um santo, vai confessar-se com um padre. No centro espírita, consultam-se espíritos. O pai de santo vai incorporar uma entidade, constituindo-se, dessa maneira, o intermediário para se alcançar aquilo que pensa ser Deus.

Na igreja evangélica, o abusador comporta-se da mesma forma, colocando-se como mediador entre a pessoa e Deus. Assim, do ponto de vista da cultura religiosa existente, a figura do abusador parece, pela sua frequência, que já está instituída. Existe até um ditado que reforça tal fato: *É Deus no céu e o senhor na terra*. Alguns, infelizmente, até dizem:

- Antes, o meu santo era São Jorge. Agora é o pastor Jorge.

O que ocorre nessas situações é substituir o santo ou o espírito pelo pastor ou líder. No espiritismo, o pai de santo incorpora espíritos. Na igreja evangélica, o líder “incorpora” o Espírito Santo. Desse modo, o fiel começa a entender que se trata de um fenômeno semelhante, ou seja, tanto lá (no catolicismo ou no espiritismo) quanto cá (na igreja evangélica) ocorre a presença de intermediários espirituais.

Entretanto, o surgimento desses intermediários espirituais favorece a prática do abuso, uma vez que alguém vai beneficiar-se dessa situação de exploração, sonegando da pessoa abusada a possibilidade de ela se relacionar diretamente com Deus, de modo a possibilitar um relacionamento mais íntimo com o abusador.

ASPECTO FAMILIAR

No que tange a esse aspecto, geralmente pessoas abusadas são oriundas de um lar em que não se vivenciou uma autoridade saudável. Em vez do salutar e necessário exercício da liderança, da autoridade, o que havia nesse tipo de lar era o autoritarismo. Ou seja, uma pessoa abusada na idade adulta, na maioria das vezes, já pode vir sofrendo abuso desde o dia em que nasceu. Cresceu sob a influência do autoritarismo do pai ou da mãe, ou de ambos. Esse perfil de pessoa é do tipo que se acostumou ao abuso, pois cresceu com ele. Por mais trágico que possa parecer (e é!), quando uma pessoa com tais características vem para a igreja, ela já está acostumada, sobretudo se ela cair nas mãos de um líder abusador. Nesse caso, o que ocorre é apenas um deslocamento do que houve em casa, na infância, para a igreja. Pessoas assim obedecem a seus líderes com facilidade e ingenuidade, pois provêm de um lar em que não existia liberdade.

A omissão paterna também pode ter repercussões na personalidade do abusado. Cabe dizer que, dentre as pessoas que sofrem abuso espiritual, muitas delas não tiveram a figura do pai presente na infância. Segundo alguns terapeutas de família, o papel da mãe, o que ela transmite aos filhos é a afetividade, os sentimentos, a capacidade de o indivíduo vincular-se, de relacionar-se. Mas, qual é o papel do pai? Qual o legado que ele transmite aos filhos? Do pai

vem a lei, a ordem. Basta àqueles que são um pouco mais velhos lembrarem-se, por exemplo, do olhar do pai. Naquela época, bastava o olhar do pai. Palavras não eram necessárias; só o olhar era suficiente. Outra situação que remete à ordem, à autoridade emanada pelo pai, era quando a mãe dizia ao filho que não obedecia a ela:

- Olha, menino, quando seu pai chegar, ele vai ficar sabendo de tudo que você fez e deixou de fazer!

Mas, qual a razão disso? O pai representa a lei, a interdição, o limite. Do pai vem a direção, a missão, porque ele foi colocado como cabeça da família. Porém, em um lar onde não houve a presença paterna, onde faltou a lei, o limite, a direção e a missão, a pessoa crescerá sem esses elementos e, quando for para a igreja e cair nas mãos de um líder abusador, estará, na verdade, à procura de alguém que possa suprir-lhe as lacunas deixadas pela ausência do pai. Ela vem para a igreja com “fome” de pai. Se ela tem a felicidade de cair nas mãos de um líder amoroso e que respeite sua individualidade e sua liberdade, glória a Deus! Isso poderá lhe trazer grandes benefícios para sua alma! Entretanto, se ela cai nas mãos de um líder sequioso por dominar, controlar e manipular, instaura-se, então, irremediavelmente um quadro de abuso espiritual.

Um episódio bíblico interessante é o do filho pródigo⁴. Quando ele sai de casa, rompendo o vínculo com o seu pai, ele se desliga emocionalmente daquele que era a autoridade em sua vida. Fica um vazio. O ser humano sempre tende a reparar aquilo que falta. Busca-se, sempre, alguma coisa para colocar no lugar, numa tentativa de fechar o buraco. Após esse jovem consumir toda a sua herança dada por seu pai, ele veio “a passar necessidade”. O dinheiro não supriu suas expectativas, nem as prostitutas que arrumou. Ele então alia-se a um dos empresários da época, em busca de trabalho, e este o envia para os campos a fim de cuidar dos porcos; entretanto, nem da comida desses animais ele podia saciar a sua fome. É nesse fundo de poço que ele se dá conta do seu vazio, e lembra-se de seu pai. Como veremos adiante, uma relação de abuso pode camuflar necessidades mais profundas não satisfeitas na infância ou na adolescência. Pode ser que um filho esteja desesperadamente buscando um pai ou uma mãe que faltou na sua função nutridora, e foi cair justamente nas mãos de um líder abusador.

O filho pródigo então retorna ao lar, e reconcilia-se com o seu pai. Todos se rejubilaram e a alma desse rapaz volta ao repouso. Nos dias de hoje muitos são os pródigos que andam à deriva, à procura de tapar um vazio aberto em tempos remotos.

4 Lucas 15:11-32

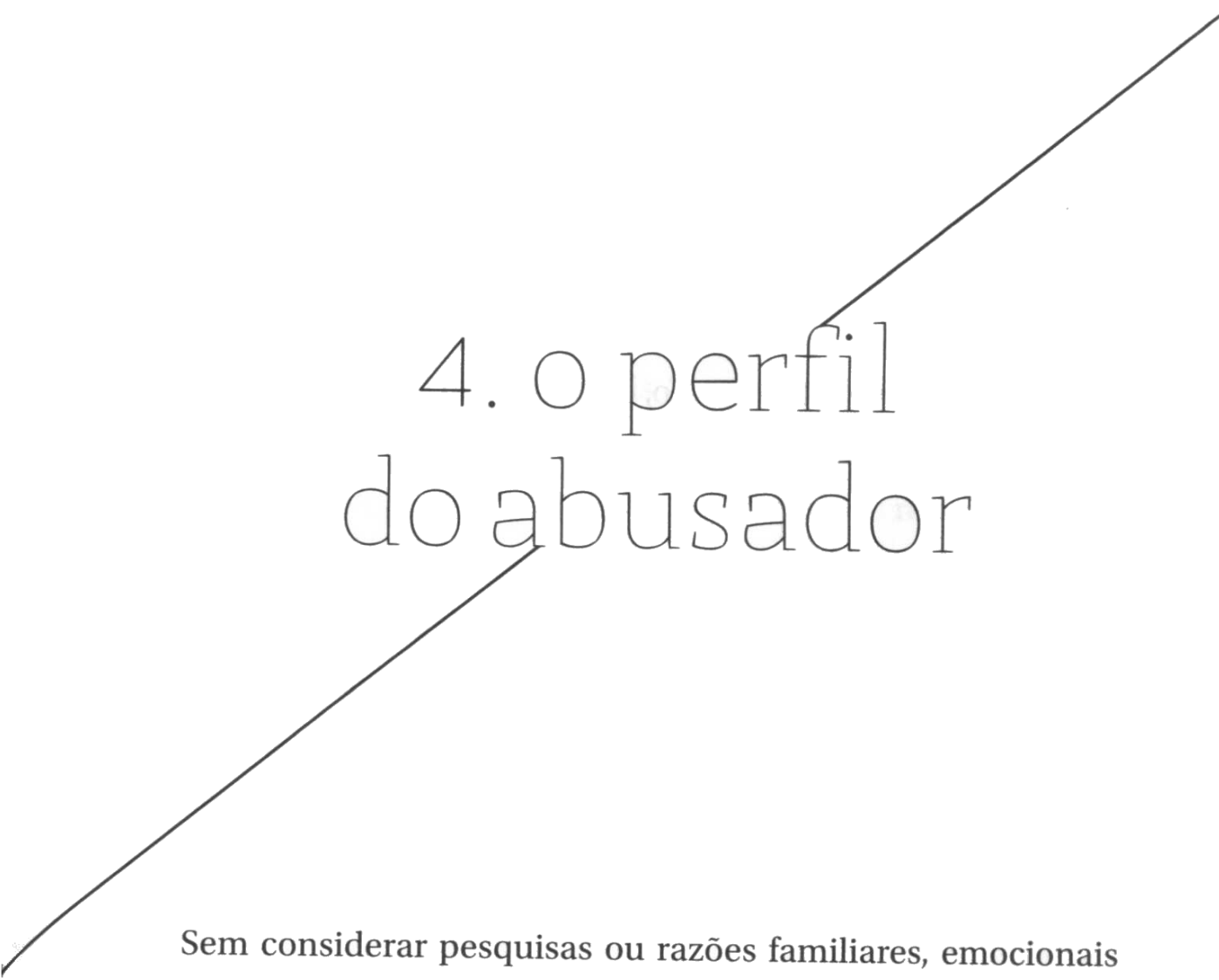
ASPECTO EMOCIONAL

O indivíduo suscetível ao abuso espiritual não assume responsabilidades. Caso encontre alguém que queira assumir, em seu lugar, as obrigações que lhe cabiam, ele as delega. Da mesma forma, esse indivíduo é fortemente passível de dependência emocional, a qual se traduz, na vida dessa pessoa, como ter alguém, uma espécie de “tutor” ou de “mentor”, que lhe diga o que fazer, como se comportar, com quem e como manter relacionamentos, por exemplo. Na verdade, esse indivíduo elege o abusador como um “guru” da sua vida, o qual lhe diga como proceder, como pensar, como sentir, demonstrando, dessa forma, a sua disposição e disponibilidade à dependência emocional.

Em razão dessas duas características – temor de assumir responsabilidades e suscetibilidade à dependência emocional –, essa pessoa está muito mais vulnerável ao ciclo do abuso. Olhando para o passado de indivíduos que sofreram ou que ainda sofrem abuso espiritual, constata-se que são egressos de famílias cujo pai era autoritário ou ausente. Como já falado, se o pai foi autoritário, ele já está habituado ao abuso, e se adaptará facilmente numa relação abusadora; se o pai foi ausente, ele pode tomar este líder como um “novo pai”. Ambos os casos podem ser o terreno onde o abuso prosperará.

Sob esse aspecto, é interessante refletir a respeito de um fenômeno verificado na vida humana. Todas as vezes em que a pessoa é reprovada numa área de sua vida, surge outra semelhante na qual essa mesma pessoa igualmente será reprovada, perpetuando-se um ciclo. Uma dor vivida no passado, mas não tratada e não curada, mas que foi ocultada, aparentemente esquecida, sarada e superada, volta em outra dor semelhante à anterior. Pode-se afirmar que seja a mesma dor, porém com outra roupagem. Por exemplo, uma pessoa que teve um pai abusador acaba indo para uma igreja em que o pastor não respeita a individualidade das pessoas; no trabalho, submete-se a um chefe autoritário; se for mulher, sente-se atraída por homens abusivos e, por vezes, violentos. A dor se repete, a sujeição se retroalimenta. O ciclo de abuso está instaurado.

Esse tipo de pessoa começa um relacionamento, inicia uma amizade, mas, à medida que o relacionamento se estreita, a amizade se aprofunda e ela se permite entrar numa situação de submissão, de vítima, para ser novamente abusada. Enquanto essa questão não for resolvida, tal pessoa continuará vivendo dentro desse ciclo de abusos. Vale lembrar a frase de George Santayana, “Aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo”.



4. o perfil do abusador

Sem considerar pesquisas ou razões familiares, emocionais e traumáticas que levam alguém a desenvolver o desejo de abusar das pessoas, excedendo-se em sua autoridade sobre elas, uma verdade precisa estar bem evidente, qual seja: todos têm, dentro de sua alma, pouco ou muito desejo de controlar pessoas. Qual a razão de tal desejo? Todos o experimentam de fato? As respostas estão logo no início do livro de Gênesis.

Antes, cabe lembrar que, naquela ocasião, Lúcifer já havia caído. E qual foi a razão da queda de Lúcifer? A pretensão de ser como Deus:

“[...] Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo” (Isaías 14:13-14).

Depois, lá no Éden, a tentação, o desejo que Lúcifer implanta no coração de Eva foi o mesmo:

“Então a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gênesis 3:4-5).

Em outras palavras, o que Lúcifer propôs à mulher foi o seguinte:

– Coma do fruto dessa árvore, porque, se dele comer, você será como Deus!

O psicólogo e escritor norte americano Larry Crabb, no seu livro *O silêncio de Adão*¹, conta-nos que, após pesquisar e analisar detalhadamente esse episódio da queda humana, pode afirmar que Adão estava próximo de Eva quando ela recebeu a proposta de Satanás. Segundo Crabb, há uma sequência de verbos no trecho bíblico do episódio da queda que evidencia o automatismo imediato das ações do casal:

¹ Crabb, Larry. *O Silêncio de Adão*, Mundo Cristão, São Paulo.

“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu, e deu também ao marido, e ele comeu” (Gênesis 3:6).

Eva “*tomou*” do fruto, depois “*comeu*” dele e o “*deu*” a Adão, que o “*comeu*”. Desse modo! Nessa sequência! Quando, séculos depois, a Bíblia vai narrar o relacionamento manipulador entre o rei Acabe e a sua mulher Jezabel, em que esta manipulava aquele, na verdade o que se constata é uma espécie de reedição do que ocorreu no Éden. A primeira Jezabel foi Eva e o primeiro Acabe, Adão. Ou seja, Adão estava junto de Eva – possivelmente, atrás dela – calado, deixando sua mulher tomar decisões que cabiam a ele tomar.

Mas, qual foi a grande tentação proposta pela serpente?
Resposta: ser *como* Deus!

Desde a queda do homem, no Éden, todos têm o mesmo desejo, ainda que latente e oculto, de ser como Deus. Essa tentação existe e persiste dentro do homem.

Outro autor impressiona muito pelo que escreve e pelo modo como escreve. Trata-se de Eugene Peterson. Em um trecho do seu livro intitulado *A vocação espiritual do pastor – redescobrimo o chamado ministerial*, ele fala desse senso de divindade que há dentro de todo homem. O que mais me chama atenção no que diz é que pastores e líderes caminham muito mais próximos da vontade de ser Deus. Ou seja, ele vai

dizer que pastores e líderes são mais tentados quanto a esse desejo de ser Deus. Ele assim escreve:

“Uma coisa curiosa acontece quando experimentamos Deus. Ela aconteceu pela primeira vez no jardim do Éden e continua acontecendo. A experiência com Deus – êxtase e totalidade dele – é acompanhada por uma tentação de reproduzir a experiência como Deus. O gosto por Deus torna-se uma ambição de tornar-se Deus. O ser amado por Deus é distorcido a ponto de se tornar uma cobiça de agir como Deus. Vislumbro um mundo onde Deus está no controle e acho que também posso controlar (...). Além disso, os pastores têm a seu dispor uma plateia substancialmente diante da qual devem agir de modo semelhante a Deus. Diferente de outras tentações, essa é quase puramente espiritual e comumente recebe reforço social. Se nós pregarmos a palavra de Deus por muito tempo e com frequência, não é necessário um grande salto da imaginação para assumirmos uma postura típica do deus que está falando a palavra. Se a postura é reforçada pela credibilidade admiradora das pessoas ao meu redor, benefícios de poder e bajulação começarem a ser desfrutados, eu certamente continuarei continuamente a fugir da presença do Senhor, pois lá fica o lugar onde certamente serei exposto como um enganador” (Eugene Peterson).²

² Peterson, Eugene. *A vocação espiritual do pastor*, Ed. Textus, São Paulo, pp. 23.

Portanto, essa tentação da divindade, do ser *como* Deus, está mais próxima de pastores e de líderes. Portanto, como afirmou Frank Viola, a posição do líder pode ser *quase* mortal!³

O contraditório dessa situação se manifesta na ideia de que, quanto mais próximo se possa estar da presença de Deus, mais imune o líder estará de experimentar o sentimento de vaidade ou o desejo de divindade. Mas, não é isso o que se verifica na prática. Exemplo característico dessa situação são os discípulos de Jesus. Aqueles homens caminhavam com Ele e, aparentemente, deveriam estar livres do sentimento de soberba. Entretanto, Jesus muitas vezes precisou chamar a atenção deles quanto à identificação e mortificação desse espírito de superioridade:

“Levantou-se entre eles uma discussão sobre qual deles seria o maior. Mas Jesus, sabendo o que se passava no coração, tomou uma criança, colocou-a junto a si, e disse-lhes: Quem receber esta criança em meu nome a mim me recebe; e quem receber a mim recebe aquele que me enviou; porque aquele que entre vós for o menor de todos, esse é que é grande” (Lucas 9: 46-48).

Em outra ocasião, é a mãe de João e Tiago que exterioriza esse espírito de superioridade:

³ Viola, Frank. *O Cristianismo Pagão, Present Testimony Ministry, EUA.*

“Então se chegou a ele a mulher de Zebedeu, com seus filhos, e, adorando-o, pediu-lhe um favor. Perguntou-lhe ele: Que queres? Ela respondeu: Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita, e o outro à tua esquerda” (Mateus 20:20-21).

Jesus aproveita a oportunidade para, mais uma vez, ensinar aos Seus discípulos:

“Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós será o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20: 26-28).

De algum modo o cultivo da espiritualidade, ou de nossa aproximação com Deus, paradoxalmente, pode fazer desabrochar em nós um sentimento de vaidade, orgulho e desejo velado de sermos “deus”. E foi nesta área que Jesus insistiu em trabalhar o eu dos seus discípulos.

Com estas ideias em mente gostaria agora de expor algumas características que comporão o perfil de um líder que comete abusos no campo espiritual e psicológico.

RARAMENTE TEM CONSCIÊNCIA OU INTENÇÃO DE FERIR

Por mais que esteja abusando de alguém, esse tipo de líder raramente tem a consciência de que está ferindo o seu liderado. Para esse líder, o que está fazendo é o exercício do bem ao cuidar, ao orientar, ao pastorear pessoas. Na sua concepção, ele, como líder, está imbuído de uma missão, cujos atos por ele praticados são lícitos e coerentes com sua missão, o que o impede de entender que está lesando, ferindo, machucando pessoas. Só no futuro ele poderá dar-se conta dos estragos que causou na vida de tantos.

POSSESSIVO E OBSESSIVO

Quando o líder abusador está se relacionando com uma pessoa ou grupo, no íntimo ele acha que aquela pessoa ou aquele grupo é *dele*. O abusador, compulsivo e obsessivamente, protege a sua esfera de controle, não importando quão pequena seja a influência que exerce sobre o liderado. O que importa para o líder abusador é controlar, manipular, dominar. Desse modo, estabelece-se uma relação de posse, ou seja, *o liderado é dele*. É como se o líder, ao olhar para o seu liderado, dissesse no seu próprio íntimo:

- *Você é meu, e ninguém tasca!*

Ninguém vive preso a ninguém. No desenvolvimento humano podemos falar de duas forças em ação, uma “centrípeta” (que puxa para o centro) e outra “centrífuga” (que expulsa do centro para a periferia). Estes termos foram retirados da física para explicar como se dá o desenvolvimento humano. Inicialmente age em todo o desenvolvimento humano, já iniciado no ventre de uma mulher e após o nascimento, uma força completamente “centrípeta”, ou seja, o bebê é como que “sugado” para o centro do seio familiar, sendo assim completamente dependente dos pais. Esta força centrípeta “puxa” o ser humano para o centro da família, pois este depende completamente desta para sobreviver e desenvolver-se.

Entretanto, na medida em que este se vai amadurecendo, começa a agir a chamada força “centrífuga”, ou seja, em uma família saudável, este ser começará um movimento contínuo em direção à sua diferenciação e emancipação. Karl Jung chamava isto de “individuação”. A criança tende a adquirir certas habilidades e características, e quando supera finalmente a adolescência, ela tende ao movimento completo de emancipar-se da família, quando deveria naturalmente começar a trabalhar, ganhar seu dinheiro, constituir família, ter filhos, etc., enfim, estabelecer a sua independência psicológica, financeira e em todas as demais áreas.

Explicitemos mais esta ideia. Verifique o que ocorre com uma criança, desde o seu nascimento, passando pelo

crescimento e alcançando a emancipação. Primeiro, o indivíduo nasce dependendo integralmente da mãe para alimentar-se, vestir-se, higienizar-se, enfim, o bebê é um ser dependente. Do ponto de vista psicológico, tal é a dependência, que o bebê acha que o seu corpo é um só com a mãe, ou melhor, que o corpo da mãe é uma extensão do corpo dele. Apenas quando começa a se apalpar, a tocar-se e a sentir-se, é que este ser começa a se perceber e a se identificar como um ente *distinto* da mãe. Com o passar dos anos, os pais, necessariamente, precisam dar certas responsabilidades à criança, depois ao adolescente, mais tarde ao jovem, a fim de que seja um adulto autônomo.

Os pais não deixam de ser os líderes do filho, seja na infância, seja na adolescência, seja na juventude, mas, gradativamente, devem dar-lhe autonomia. Até que chega o momento em que esse filho tem que “partir”. Caso contrário, quando os pais retêm o filho, não o emancipando, cria-se, na verdade, um ser dependente, sem vontade própria, alguém que não cresceu e que vai acabar por explorar os próprios pais, vivendo às custas deles. Desse quadro resultam outros comportamentos patológicos do filho: tem receio de trabalhar, tem medo de relacionar-se seriamente com outras pessoas, não tem iniciativa, precisando perguntar tudo aos pais antes de tomar uma decisão que cabe a ele, etc. Torna-se uma pessoa insegura e sem estabilidade emocional. Enfim, não conseguiu desenvolver sua própria identidade.

Trazendo para o campo espiritual, conheci um pastor muito engraçado que certa vez me disse:

- Há muito pastor que anda chifrando Cristo!

Eu achei aquela afirmação curiosa, para não dizer bizarra. Mas, logo depois, quando completou seu raciocínio, concluí que ele estava com a razão:

- Porque há muito pastor querendo a noiva dEle – a igreja – para si!

Cuidado, pastores! Isso pode estar acontecendo sem que haja, às vezes, uma percepção pessoal muito clara dessa situação, pois o líder abusador se relaciona com pessoas acreditando que elas são possessão sua. Nessa mesma perspectiva, as pessoas estão sob sua liderança para fazerem o que ele acha que elas têm de fazer, e considera como traição qualquer tentativa feita pelo liderado de crescer na fé e, conseqüentemente, de sair de debaixo de sua tutela. “O líder que não admite que seu tempo de liderar certa pessoa pode acabar e que tal pessoa pode crescer sob a liderança de outro é abusador. Outro sinal de abuso é o líder achar que o seu ensino é a única fonte de alimento do seu liderado; assim sendo, o mesmo é tolhido de aprender com outros ministérios ou lideranças”⁴

⁴ Comentário do revisor Edson Oliveira, Rio de Janeiro, RJ

Por exemplo, quem foi a liderança, pelo menos provisória, de Jesus? João Batista. Quem veio antes de Jesus? João Batista. Quem veio preparar o caminho de Jesus? João Batista.

Ao se fazer o acompanhamento do ministério de Jesus, verifica-se que Ele nasce em Belém da Judeia (Mateus 2:1) e depois, em razão da perseguição perpetrada por Herodes, os Seus pais O levam de volta para a terra deles, na Galileia (Mateus 2:12). Ali Ele é criado, Ele cresce e se desenvolve até os trinta anos de idade. E, antes de começar o Seu ministério, Jesus desce da Galileia para o deserto da Judeia, a fim de ser batizado por João Batista (Mateus 3:13), o seu líder, o que veio antes dEle. Após Seu batismo e Sua tentação no deserto, Jesus voltou para a Galileia (Lucas 4:14), demonstrando, com essa atitude, que Ele discernia o princípio da autoridade.

É imprescindível destacar que Jesus desce da Galileia ao deserto da Judeia, é batizado e volta de onde saiu, passando a desenvolver Seu ministério lá. João Batista não tenta reter Jesus junto a si. Esse modelo de liderança praticado por João Batista é seguido por Ele, Jesus, O qual prepara os Seus discípulos, treina-os por três anos e depois os emancipa. Depois de três anos de treinamento, Jesus lhes diz:

- Ide!

O líder abusador, porém, jamais vai dizer isso aos seus liderados. Ele vai dizer:

- Fiquem! E ai de vocês se forem! Vou lançar sobre vocês uma “praga gospel”! Afinal, vocês são meus!

Essa é a marca do líder abusador, qual seja, o desejo de posse, de domínio, de propriedade.

EGOCÊNTRICO

O abusador tem o forte desejo de ser o líder de um grupo e tende a afastar qualquer pessoa que possa ameaçar a sua posição, de modo que, se alguém surge, ameaçando sua liderança, ele tenderá a afastar essa pessoa do seu convívio ou de quaisquer ministérios. Lembre-se de que o abusador alimenta-se, mesmo que sem ter consciência, do desejo velado de ser “deus” – o sentimento de ser único, de ser exclusivo, de que nada nem ninguém podem ofuscar o seu brilho, a sua glória. O líder saudável, pelo contrário, orará como o Senhor ensinou, “mande trabalhadores para a sua seara, Senhor”. Já o líder adoecido temerá qualquer trabalhador que ameace a sua posição⁵.

Voltando ao exemplo de João Batista, é interessante perceber que ele, mesmo na condição de líder de Jesus, teve a humildade de dizer do Messias:

⁵ Comentário do revisor Edson Oliveira, Rio de Janeiro, RJ.

“[...] mas vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias” (Lucas 3:16).

É esse mesmo João Batista, que fora líder de Jesus, que vai dizer depois:

“Convém que ele cresça e que eu diminua” (João 3:30).

Depois é Jesus, que esteve sob a liderança de João Batista, e que também liderou e treinou Seus discípulos, que vai dizer a estes:

“[...] aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará” (João 14:12).

Mas quando alguém tem o perfil de abusador, o que ele menos quer é que alguém faça mais que ele, muito menos que faça maiores e melhores obras que ele, porque ele quer ser como Deus.

Muitos de nós líderes da atualidade estamos mais inspirados pelo modelo de Saul. Ditadores contemporâneos no meio secular seguem as mesmas pegadas, como o norte coreano Kim Jong-um e o já falecido ditador Saddam Hussein. Todos esses têm um mesmo perfil: *assassinar qualquer liderado que ameace o seu poder, não importando quem seja,*

podendo ser inclusive familiares! Alguns estudiosos afirmam que Saul perseguiu Davi por 7, 9 ou até 20 anos! O início se deu quando Davi derrotou o gigante Golias, e assim começou a ser bem-sucedido em uma série de campanhas bélicas, quando então algumas mulheres começaram a cantar,

“Saul feriu seus milhares, porém Davi, os seus dez milhares”
(1 Samuel 18:7).

O ego de Saul se vê, então, ameaçado e, a partir de então, ele dedica anos do seu chamado perseguindo e tentando matar Davi. Veja a que ponto a insegurança de um rei poderá levá-lo. Em contraste com o comportamento de Saul, um dia o ministério de João Batista também esteve aparentemente “ameaçado” por seu liderado. Após João Batista ter batizado Jesus, ambos prosseguiram em “seus ministérios”. Em dado momento, o evangelista João registra que Jesus estava na região da Judeia batizando pessoas (3:22). Bem perto dali, estava João Batista também batizando. Os discípulos de João, ao saberem que Jesus também batizava, entraram em uma “contenda” (3:25). João Batista foi inquirido por eles, “Mestre, aquele que estava contigo, além do Jordão, do qual tens dado testemunho, está batizando, e *todos lhe saem ao encontro*” (3:26). Repare na expressão, “*todos lhe saem ao encontro*”. Percebeu o sentimento deles? Agora veja a maravilhosa resposta de João Batista:

“Respondeu-lhe João: O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dado. Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: Eu não sou o Cristo, mas fui enviado como seu precursor. O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está presente e o ouve, muito se regozija por causa da voz do noivo. Pois esta alegria já se cumpriu em mim. Convém que ele cresça e que eu diminua” (João 3:27-30).

Duas coisas saltam aos meus olhos na fala de João: Primeiro: ele tinha convicção do seu chamado (“eu fui enviado como o seu precursor”), e quem tem esta convicção do seu chamado não precisa temer perder o seu ministério. Agora, se você acredita que alguém pode tirar de você aquilo que Deus lhe deu, e decide viver amedrontado ou perseguindo alguém por isso, honestamente, aconselho você a encerrar a sua carreira e fazer qualquer outra coisa! João disse, “o homem não pode fazer coisa alguma se do céu não lhe for dado”, e ponto final!

Outra coisa me chamou a atenção, quando João disse, “o que tem a noiva é o noivo”. Gente, Jesus é o dono da noiva, e não nós. Somos apenas servos dele. Não somos donos de nada, mas apenas mordomos. João Batista se vê apenas como um “amigo do noivo”.

Essa passagem me fez tornar um grande admirador de João Batista. Ele não era apenas aquela figura aparentemente “áspera” e “cheia de autoridade” (que nós geralmente conhecemos), mas era um homem cheio de humildade e

simplicidade. Como Deus procura homens assim! No coração de João não havia este terrível espírito de *concorrência e inveja*. Seus discípulos, talvez enciumados, disseram mais ou menos, “Olha, aquele Jesus está batizando também as pessoas, e o pior: muitos lhe saem ao encontro. Se as coisas continuarem assim, a nossa *igreja* vai esvaziar!”. A resposta formidável de João foi, “eu me alegro com isso, importa que ele cresça e que eu diminua”. Você diria isso do seu liderado ou do seu colega de ministério que tem uma igreja próxima à sua? Para dizer tal coisa, além de estar na cruz, é preciso entender o que é o *reino de Deus*. Embora ambos estivessem batizando, João Batista e Jesus dão-nos este exemplo: não havia inveja e concorrência em seus corações, mas, pelo contrário, um espírito de mútua colaboração. De fato, João e Jesus sabiam o que era “reino de Deus”. Não há neles indícios de abuso.

PRECISA DE CONSTANTE AUTOAFIRMAÇÃO

O líder abusador precisa constantemente de autoafirmação porque, na verdade, é profundamente inseguro.

Algo que se aprende com a vivência e com a experiência é que, quando uma pessoa assume uma posição extremada, radical em relação a qualquer coisa, há algo de errado, de oculto, de encoberto que tenta ser camuflado por essa posição radical.

Quando se convive com alguém radical, percebe-se logo que há algo errado nele. Primeiramente, porque ser radical não é natural, pois a postura radical assumida pela pessoa esconde algo diferente daquilo que, em seu íntimo, ela verdadeiramente é.

Existem alguns crentes que, no que se refere à demonstração que querem fazer de sua espiritualidade, quando se aproximam de outras pessoas, parece que chegaram por sobre uma nuvem, olhando os outros de cima para baixo, com olhar de superioridade e desprezo, como se dissessem com tais atitudes:

- E aí, pecadores? Como vai a vida medíocre de vocês?

Ou, então, essa postura de “grande” espiritualidade vem disfarçada numa atitude de falsa humildade que se mostra por meio de uma voz baixa e aveludada que diz:

- A paz do Senhor, meus irmãos!

Outros chegam a fechar os olhos quando dizem isso ou coisas semelhantes, pois estão num estágio de “muita” glória. Alguns, em vez de fechar os olhos e ter voz aveludada e mansa, encaram o próximo com um olhar tão profundo e inquisidor (até mesmo intimidativo), que chega a causar dúvida em quem é o alvo desse olhar:

- Será que ele sabe alguma coisa que eu fiz?

Ainda que caricatas, essas demonstrações de espiritualidade são muito comuns entre os crentes. Entretanto, dizer que algo é comum não significa dizer que é natural. As pessoas que agem desse modo demonstram uma espiritualidade antinatural, pois, tal comportamento não é normal. Essas pessoas não parecem humanas! Quando se pergunta se vão bem, respondem:

- Glória a Deus! Aleluia! Só vitória!

É um excesso de espiritualidade! Mas, qual a razão dessa espiritualidade excessiva? Possivelmente, porque há a possibilidade de estarem escondendo algum comportamento reprovável, o qual é compensado por uma demonstração de espiritualidade antinatural. Agindo dessa forma, buscam um modo de se autoafirmar. Parafraseando o autor Marcos Borges, muita espiritualidade, normalmente, é sinônimo de carnalidade!

É NARCISISTA E MEGALOMANÍACO

Narciso é uma figura mitológica do qual se dizia ter uma beleza extraordinária. Moças e ninfas se apaixonaram por ele em razão disso. Narciso, que nunca havia visto seu próprio

rosto, uma vez que, segundo a mitologia, contemplasse a sua própria face morreria. Um dia, vindo de uma caçada, debruçou-se sobre as margens de um rio para beber água. Ali, ao ver o seu rosto, apaixonou-se por si mesmo, permanecendo imóvel na contemplação ininterrupta de sua face refletida na água. Assim Narciso morreu.

O líder abusador está tão embevecido por suas próprias palavras – porque ele fala, as pessoas o ouvem; ele prega, multidões se convertem – que ele, lá no íntimo do seu coração, acaba dizendo para si mesmo:

- Eu sou o cara! Não há ninguém como eu! Eu sou a última cartada de Deus para este século.

Esse tipo de líder é autorreferenciado. Ele acaba se achando a medida de todas as coisas. Ele, somente ele, tem a Palavra e a unção de Deus. Pela atitude de alguns desses líderes, parece que acreditam que eles são a própria revelação de Deus.

Conheci, certa vez, um pastor cujas atitudes e palavras o revelavam como um líder abusador, que se autorreferenciava. Ouvindo-o pregar uma ocasião, ele disse para a congregação:

- Podem anotar o que estou dizendo, que é verdade! Não está na Bíblia, mas é verdade! Devia estar na Bíblia, mas não está.

Isso que é megalomania! Em casos assim, surge a dúvida: estamos diante de alguém inspirado pelo Espírito Santo ou de um sujeito portador de um transtorno de personalidade narcísica e megalomaniaca (quadro psiquiátrico)? Pode-se ainda questionar: O que está sendo implantado aqui é o reino de Deus, de fato? Ou o império de um homem?

É PATERNALISTA

O líder abusador é aquele indivíduo tendente a promover uma espécie de dependência espiritual e emocional. O abuso surge numa relação de muita dependência, na qual, de um lado, há alguém que tem muito para receber (carente) e, de outro, há alguém que tem muito para oferecer (manipulador).

Ocorre quando alguém em grande dificuldade encontra alguém que lhe dá as respostas de que necessita. O abusado tem fome de afeto, ao passo que o abusador quer suprir esse afeto. Um quer ser dominado, o outro quer dominar.

Daí surge o paternalismo, que nada mais é do que uma exacerbação do cuidado de pai. É o exagero. É o excesso do exercício de ser pai. É algo antinatural também.

Eugene Peterson declara algo que incomoda muitos líderes, especialmente pastores. Ele diz o seguinte:

“O bom pastor é aquele que em determinado momento se torna desnecessário”

Essa foi a razão de Jesus ter preparado, treinado seus discípulos por três anos e, depois disso, ter-lhes dito:

- Ide!

Jesus entendeu também que já havia cumprido a sua missão e que agora estaria em “outra” missão ao lado do Pai, intercedendo por nós. Sua liderança não seria mais necessária aqui na Terra.

Mas o abusador não está disposto a abrir mão do controle.

NÃO RECONHECE O SEU LIMITE DE FUNÇÃO E VOCAÇÃO

Isso se verifica quando o líder abusador “assume” diversas funções especializadas. Ele é pastor, psicólogo, consultor financeiro, sexólogo, advogado, professor etc. O eu dele é muito grande! Qualquer assunto, qualquer tema, qualquer matéria, de tudo o abusador “sabe”! Dá palpite em tudo, não reconhecendo o seu limite de função.

Um dos homens deste país que mais se aproximam de Jesus chama-se Russell Shedd. Esse pastor tem mais de 80 anos de idade, e numa ocasião foi chamado pela Revista Eclésia de o “homem-bíblia”. Eu já tive o privilégio de hospedá-lo por duas vezes em minha casa. E pela manhã, quando eu

acordava, encontrava-o lendo a Bíblia. Para minha surpresa, a versão que ele lia era direto do grego.

Certa vez, eu estava participando de um seminário em que Shedd era um dos palestrantes. Numa das plenárias, surgiu uma divergência relativa ao texto de I João 5: 18, uma vez que havia um manuscrito que dizia *Aquele que Deus guarda o maligno não toca*, enquanto que havia outro que dizia *Aquele que a si mesmo se guarda o maligno não toca*. Eu pensei que essa divergência poderia se transformar numa boa pergunta para testar o conhecimento do Dr. Shedd. Quando a exposição terminou e foi aberto o espaço para perguntas, eu me levantei, após ter formulado a pergunta, e lhe perguntei, citando aqueles manuscritos:

- *Afinal, pastor, quem é que guarda: Deus ou o próprio homem?*

Ele olhou para mim, com toda a simplicidade, e me respondeu:

- *Não sei.*

Eu tentei insistir:

- *Mas...*

- Não sei, amado irmão – respondeu mais uma vez.

Confesso que, naquele momento, fiquei inconformado com a sua resposta. Apenas depois parei para refletir na simplicidade e sinceridade daquele homem. Ele não era um “sabe-tudo”. Mas, quando o ego não cabe em si mesmo, o indivíduo acaba por inventar uma resposta, uma explicação, para não ficar por baixo. Algo mais ou menos assim:

“Segundo os estudos mais avançados e profundos nessa área...”

O líder abusador jamais admite que não sabe algo. Se não sabe, finge que sabe. Huberto Rohdem, um dos biógrafos de Santo Agostinho, fez a seguinte afirmação:

“O homem menos inteligente acha desairoso mudar de ideia e aferra-se fanaticamente a opiniões uma vez professadas e proclamadas como certas, infalíveis. As ideias fixas impedem-no de ter pensamentos novos. (...) O sábio sabe que nada sabe. O ignorante ignora que nada sabe. Conhecer a própria ignorância já é a porta aberta para a sabedoria. Ignorar a própria ignorância é fechar as portas a todo progresso.”

5. métodos de manipulação

Quero analisar com você algumas das estratégias que comumente são usadas por líderes abusadores. Como já dissemos, em muitas ocasiões o indivíduo que abusa não tem consciência de que se utiliza desses estratagemas, outras vezes, sim. Veremos também que, em algumas situações, o eixo do abuso pode ser invertido, onde o liderado passa a assumir o lugar de abusador na relação com o seu líder. Mas, para que isso aconteça, é necessário o uso de alguns métodos para que tudo pareça ocorrer no clima da mais “singela” espiritualidade.

USAM DE SUA INFLUÊNCIA

Evidentemente, o abuso espiritual não se apresenta inicialmente como algo maligno e pernicioso. Às vezes, ele se inicia por meio de um relacionamento mais íntimo entre o líder e o liderado. No início, tudo são flores, a amizade prevalece. Mas, com o transcorrer do tempo, o abuso vai assumindo sua fisionomia grotesca em meio ao terreno fértil da carência e da vulnerabilidade humanas.

A primeira forma de manipular alguém é por meio da influência que se pode exercer sobre o outro. Por exemplo, um pastor ocupa um lugar em que pode usar sua posição para manipular fiéis. Um professor da Escola Bíblica, valendo-se da sua autoridade e conhecimento bíblico, pode igualmente manipular seus alunos. A questão é simples: Tendo em vista o líder gozar de uma posição de respeito, parte-se do pressuposto de que todas as suas ações são sinceras e corretas. Mas isso nem sempre é verdade. É aqui que alguns valendo-se dessa prerrogativa, acabam levando seus liderados a uma relação em que são subjugados, e algumas vezes, extorquidos. Existem casos em que líderes usam sua posição para fazer negócios com suas ovelhas, tomar empréstimos, receber presentes, fazer trocas desiguais, conselhos errados, etc. Em tudo isso, o líder acaba sendo o maior beneficiado com as decisões do seu liderado.

Em algumas situações, como já foi dito, é o liderado que passa a exercer uma forte influência sobre o líder. Em muitas denominações existem os chamados “donos de igreja”. Eles estão lá há tanto tempo, que se sentem donos do lugar. O pastor que ali estiver precisa caminhar conforme eles querem, e se assim não for, esse líder terá grandes dificuldades em ali permanecer. Lembro-me de ter ido a uma igreja, e após ter sido apresentado a alguns irmãos, um deles me disse, “Alcione, aqui nós temos um ministério inédito em todo o Brasil”. Eu, levando a sério a conversa, perguntei, “qual o ministério?”. “O de derrubar pastores”, respondeu ele em tom irônico. E complementou, “pastores aqui não duram dois anos, e a igreja se encarrega de derrubá-los”. Possivelmente, ele estava se referindo a um grupo de líderes com uma influência tão grande, que, ou o pastor se submete à vontade deles, ou terá uma vida ministerial muito curta nesse lugar.

Ainda nesse campo em que o liderado pode usar sua influência, existem aqueles que usam a via do poder econômico para manipular líderes. É o caso, por exemplo, de um crente rico que deixa de dizimar ou contribuir financeiramente para manipular o pastor.

- Ah, ele vai fazer aquilo que eu quero que faça; do contrário, não farei mais minha contribuição mensal.

Em alguns casos, o líder acuado e dependente financeiramente pode ceder e, se isto acontece, ele passa a estar debaixo da manipulação do seu liderado.

USAM DONS ESPIRITUAIS

Outro método usado pelo abusador para manipular pessoas é por meio de dons espirituais. Daí as igrejas pentecostais e mais carismáticas serem as mais suscetíveis ao abuso, tendo em vista que, se as mais tradicionais são mais “racionais”, as pentecostais e carismáticas são mais “místicas”:

- É Deus que está falando!

Ou:

- Eis que eu te digo!

Muitos líderes abusadores usam desse carisma proveniente do uso de dons para manipular pessoas. Em certa ocasião, numa igreja do Recife, cujo pastor era um homem muito usado por Deus, havia lá uma irmã profetisa. Num dia, essa mulher se levanta e entrega uma profecia, mas o pastor não deu crédito ao que ela disse porque, segundo a Palavra de Deus, toda profecia tem que ser julgada (I Coríntios 14: 29) e, ao ser julgada, é preciso verificar se a mesma encontra

amparo nas Escrituras e testificação interior. A profetisa não aceitou ser contrariada por esse pastor e logo disse que estava recebendo outra revelação, qual seja, que aquele pastor iria morrer. Constata-se com a atitude dessa irmã que sua pretensão era acuar o líder, manipulá-lo por meio dos seus pretensos dons espirituais.

Cabe dizer que, às vezes, a relação se inverte. Em muitas ocasiões, o liderado – que, nesse caso, pode ser denominado de um gnóstico espiritual (aquele que diz ter recebido uma revelação especial, um saber especial exclusivo dado por Deus e restrito a ele) – tenta manipular o líder. Isso geralmente se dá quando o líder é um indivíduo de temperamento mais fraco e o liderado é alguém de temperamento mais forte. O perigo maior é quando este se levanta, pois quase sempre esse liderado gnóstico tem um grupo que lhe dá credibilidade, e sobre o qual exerce influência, disseminando seus sonhos, suas visões, suas revelações. E, quando esse liderado é mal intencionado, ele começa a promover comparações entre si e o pastor, dizendo que este é mais carnal, não acredita nas revelações divinas etc. Esse discurso vai minando a autoridade do pastor podendo chegar, até mesmo, ao ponto de dividir a igreja, caso o pastor seja fraco e leniente, e não tome as providências certas em tempo hábil, confrontando esse irmão, e fazendo com que ele pare de influenciar e cooptar outras pessoas.

Em minha região, foi isso o que aconteceu em uma denominação expressiva. A principal intercessora da igreja, aparentemente usada em muitos dons e revelações, foi crescendo em sua comunidade e fazendo muitos seguidores. Gradativamente, ela foi desqualificando o pastor local, até chegar o momento em que ela começou a enfrentá-lo diretamente. Num domingo à noite, enquanto o culto acontecia, ela se levantou, e convidou a todos que estivessem com ela, que a acompanhassem para outro ministério. Um grande grupo se levantou e deixou a igreja no meio do culto. Aparentemente, essa igreja local nunca conseguiu recuperar-se desse trauma. Mais tarde, ela acabou fechando as portas.

Desse modo, repreender o “gnóstico” significa atrair a ira daqueles que reconhecem nele a sapiência, o carisma e a autoridade “manifestados” pelos dons espirituais.

USAM O DISCIPULADO EXAUSTIVO

Deus trabalha no equilíbrio, ao passo que Satanás, no extremismo. Paulo sempre alertava Timóteo quanto à necessidade de equilíbrio e moderação:

“Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação” (II Timóteo 1: 7).

À igreja em Filipos, Paulo também escreveu quanto a isso:

“Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens. Perto está o Senhor” (Filipenses 4: 5).

Satanás se apropria de algo que é bom e o distorce, tornando-o maléfico. É como um remédio. Como já se falou: se ministrado na dose certa, promove a cura. Se, no entanto, ministrado em doses excessivas, pode causar a morte.

O discipulado é bíblico, por isso, salutar e necessário. Jesus dedicou a maior parte do seu ministério discipulando doze homens. Multidões nunca foi o foco de Jesus. Ele tomava os Seus discípulos, levava-os para um lugar reservado e lá lhes ensinava o que pretendia. Havia parábolas que Ele contava para a multidão, mas que só interpretava para os discípulos.

No entanto, muitas vezes o líder manipulador pode trabalhar o discipulado de maneira exaustiva e controladora, privando a pessoa de sua liberdade e do seu direito de escolha e opinião. Na verdade, o que esse líder abusador pretende é que seu liderado se torne mais dependente dele do que de Deus. Em vez de essa pessoa consultar a Deus, o líder manipulador quer ser a boca e a voz do Senhor para ela.

Em seu livro *Cura e edificação do líder*, o autor Marcos Borges (Coty) faz uma afirmação muito interessante acerca disso:

“Quando o líder sonega ao discípulo o direito e o dever de discernir, pessoalmente, a voz de Deus, a liberdade em Cristo é abafada por um ‘espírito de controle’. O aspecto mais relevante do ‘espírito de Jezabel’ é que ele não apenas odeia o ministério profético, mas odeia, na verdade, a voz de Deus. [...]

Se não exercermos a autoridade com o intuito de estimular as pessoas a ouvirem a Deus, vamos acabar tomando aquele lugar que só pertence a Deus no relacionamento com seus discípulos provocando neles dependência emocional, surdez espiritual e religiosidade.”¹

Em algumas igrejas, em nome de discipular e cuidar de pessoas, os seus líderes exercem uma verdadeira lavagem cerebral e escravidão. Reitero a advertência de Paulo: “Por preço fostes comprados; não vos torneis escravos de homens” (I Co 7:23). Numa denominação, uma irmã veio reclamar comigo, “Alcione, a minha reunião de célula é na quarta, entretanto, nesta quarta é aniversário de minha mãe. Fui consultar minha líder que deveria faltar à reunião devido a esse motivo; no entanto, ela me disse que a prioridade deveria ser a minha célula!”. Dá pra acreditar nisso? Outros, nas mínimas decisões precisam “sempre” compartilhar com os seus líderes, como venda de imóveis, cursos a fazer, se podem faltar num culto, ter um relacionamento, etc., e isso

¹ Idem, *ibidem*, Editora Jocum, Curitiba.

em nome de um cuidado, que com o tempo pode se tornar uma verdadeira dominação psicológica. O indivíduo passa a ser privado de sua liberdade de ir e vir – é tratado como “menor incapaz” – e de tomar suas decisões e arcar com as consequências das mesmas. Yinka Oyenkan comenta; “Por todo o país, há muitas pessoas que nunca cresceram na fé a fim de fazer algo para Deus porque foram reprimidas por um ‘pai’ na fé”.²

Veja, não estou dizendo que não devemos manter uma relação de prestação de contas, de “interdependência” (não de “dependência” ou “co-dependência”), onde de modo voluntário compartilhamos nossas questões e planos, e temos a opinião de uma pessoa com maior experiência. Veja, mas é apenas uma “opinião”, um “discernimento possível”, e que pode muito nos ajudar, na maioria das vezes. É muito salutar termos amigos e líderes que possam nos dizer “verdades”. Atribui-se a Pitágoras a seguinte afirmação: “Se não tens um amigo que te corrija os erros, pague um inimigo para que lhe preste este benefício”. Eu acredito nisso.

Entretanto, a decisão final tem que vir da pessoa, e ela não pode ser retaliada por isso. Ninguém pode assumir o lugar de dono de ninguém, e sempre a decisão de um liderado, por mais errada que seja, deve ser respeitada, pois o mesmo, além de ter sido chamado para a “liberdade em Cristo”, possui o maior de todos os dons dado à humanidade:

² Oyekan, Yinka. *Manipulação, dominação e controle*, Danprewan, Rio de Janeiro, Pp. 18.

o livre-arbítrio. Relembremos o alerta de Pedro aos líderes: “pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós (...) não como dominadores dos que vos foram confiados, antes, tornando-vos modelos do rebanho” (I Pe 5:2,3).

USAM O EXCLUSIVISMO

Isso ocorre, por exemplo, quando um líder declara que a sua igreja é mais espiritual que as outras. O membro é duramente repreendido e condenado se vai a outra igreja, sob qualquer hipótese. Muitos liderados são ensinados que a sua igreja é a única com a visão do reino de Deus, e não um dos tantos projetos que Deus tem estabelecido na Terra.

Muitos de nós, líderes, tornamo-nos verdadeiros idólatras de nossas igrejas. Nossa idolatria doutrinária pode chegar ao ponto de acharmos que a nossa denominação é a melhor de todas. Isso, até certo ponto, pode ser normal, pois sempre procuramos escolher uma igreja que melhor se encaixe com o nosso pensamento ou teologia. Mas, o problema é quando começamos a achar que, no fundo, apenas nossa igreja está certa e que todas as demais são inferiores. Tornamo-nos cegos e restringimos o “reino de Deus” a apenas nossa denominação. Fico pensando, se isto fosse possível (é apenas imaginação), que se de repente a denominação evangélica de algumas pessoas fosse misteriosamente arrancada deste mundo, e não sobrasse mais nenhuma representação dela.

O que essas pessoas fariam? A impressão que tenho é que muitas prefeririam ficar no mundo a entrar para uma igreja com a qual tenham divergências. Isto é trágico! Como foi que alguns conseguiram reduzir o reino de Deus a um círculo tão restrito? Deste modo, quando um líder impõe essa visão tão restritiva sobre os seus membros, isso acaba por constituir-se em novo abuso.

USAM A BÍBLIA

Todos os métodos de manipulação descritos até aqui vêm camuflados com textos bíblicos e com verdades bíblicas, evidentemente, descontextualizados. Satanás usou a Bíblia no episódio da tentação de Cristo. Ele usou trechos dela de maneira descontextualizada, para manipulá-los de acordo com seus interesses.

Marília de Camargo, em seu livro “Feridos em nome de Deus”, cita um desses grupos abusados, que dizia:

“Ficávamos morrendo de medo, achando que, se divergíssemos das broncas, estaríamos resistindo à disciplina de Deus em nossa vida. ‘Deus o está moendo, o pão que apanha fica mais macio, o grão de trigo tem que morrer!’ Era o que escutávamos. O pastor se encarregava de matar o grão de trigo e de sovar o pão.”³

³ Idem, *ibidem*, Mundo Cristão, pp. 58

Perceba que, nesse caso, utilizou-se o texto de João 12:24 para se justificar as práticas de abuso. Outras vezes, pessoas são acuadas dizendo que não podem tocar no “ungido do Senhor” e, por meio disso, esses líderes fazem o que bem entendem e não se permitem ser confrontados. Outros são extorquidos quando líderes citam textos bíblicos de oferta e, mal-intencionados, conseguem arrecadar fortunas para o seu próprio bem-estar. Ezequiel 34 alerta-nos acerca desses falsos pastores, “Comeis a gordura, vesti-vos da lã e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas” (v.3). Pedro também disse aos pastores da época que a liderança não deveria ser feita e nem movida por “sórdida ganância” (I Pe 5:2).

Enfim, quanto mais o membro de uma igreja é analfabeto bíblicamente, mais sujeito pode estar ao abuso. Em igrejas abusadoras, normalmente, o estudo profundo da Palavra é negligenciado.

USAM O MEDO E A CULPA

Todo ser humano, inclusive o cristão, é inadequado e imperfeito. A nossa regeneração em Cristo não nos livrou de nossa natureza pecaminosa. Qualquer teologia que negue isso pode produzir abusos. Paulo escreveu aos romanos, dizendo: “digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém” (12:3). Em virtude de todo indivíduo ajustar-se ao meio em que está inserido, razão pela qual sempre

busca adaptação e aceitação, qualquer pessoa pode tornar-se um alvo em potencial do abusador, onde este, por meio de uma teologia negativa e manipuladora, poderá atribuir ao liderado a responsabilidade por todas as dificuldades que enfrenta. Pode parecer grotesco, mas existem líderes que chegam a dizer de púlpito:

- A igreja, no ano que vem, vai ter um crescimento de “x membros”. Se não alcançarmos essa meta, é porque há pecado no meio da igreja ou não nos esforçamos o suficiente.

O líder abusador procura introduzir nos seus liderados o medo e a culpa, uma vez que medo e culpa são sentimentos que guiam os escravos e, através dos quais, os escravos se relacionam com o seu senhor. O filho, porém, não se relaciona com o pai orientado por esses sentimentos. O filho ama o pai e é amado por ele. Já o escravo tem pavor do seu senhor. Assim, uma ambiência de medo e culpa pode ser criada pelo líder manipulador para manter sob sua vontade os seus liderados. “A mentalidade escrava é manifestada em querer saber se algo é certo ou errado, se pode ou não pode, se é pecado ou não. A mentalidade de filho é orientada em querer saber se algo agrada ou não ao seu pai.” ⁴

⁴ Comentário do revisor Edson Oliveira, Rio de Janeiro, RJ.

USAM CHANTAGENS ESPIRITUAIS

Um dos exemplos clássicos desse método de manipulação ocorre quando um liderado diz para o líder abusador que vai para outra igreja ou outro ministério. Aliás, as “saídas traumáticas” são, via de regra, uma das marcas das lideranças abusadoras.

- Você vai, mas vai sem a minha bênção!

Alguns líderes abusadores vão além:

- Olha, se você for, Deus está me revelando que vai colocá-lo num leito de enfermidade!

Outros são capazes de dizer:

- Eu o amaldiçoo, em nome de Jesus!

“Quem se desliga de um grupo destes geralmente sofre com acusações de rebeldia, de falta de visão, egoísmo, preguiça, comodismo, etc. Os que permanecem no grupo são instruídos a evitar influências dos rebeldes, que são desmoralizados. Os desligamentos são tratados como limpeza que Deus fez, para provar quem é fiel ao sistema. Não compreendem como

alguém pode decidir se desligar de algo que consideram ser visão de Deus. Assim, se desligar de um grupo destes é equivalente a se rebelar contra o chamado de Deus. Muitas vezes relacionamentos são cortados e até famílias são prejudicadas apenas pelo fato de alguém não querer mais fazer parte do mesmo grupo ditatorial.”⁵

Certa vez, numa igreja em São Paulo, um rapaz saiu daquela comunidade. Em seguida, ele moveu, na Justiça, uma ação contra a igreja. O que se sabe é que a igreja perdeu a ação e que a Justiça determinou que se pagasse àquele moço um determinado valor, em dez vezes. Antes de efetuar o pagamento devido, o líder daquela igreja reuniu os demais pastores e lhes disse:

- Nós vamos orar por estes dez cheques. E vamos orar para que cada um destes cheques represente uma praga do Egito.

Pode parecer engraçado, mas é trágico! Atrás de cada cheque e em letras minúsculas, era escrita uma praga. E nas dez vezes em que o rapaz foi receber o cheque, voltava ele com uma praga no cheque. Esse é o estilo de um líder abusador.

Quando pessoas egressas do espiritismo são recebidas na igreja, geralmente elas dizem o seguinte:

⁵ Enroth, Ronald M., “Churches that abuse”, traduzido por Serol, Igreja Batista da Palavra Viva em seu blog.

- O pai-de-santo me falou, quando saí de lá, que se eu abandonasse o espiritismo, muitas coisas ruins me sobreviriam. Ele disse que eu vou ficar doente, que eu vou ficar de cama, que eu vou ficar desempregado, que eu vou morrer.

Um dia, uma pessoa se aproximou de mim e me disse:

- Pastor, eu estou querendo sair da minha igreja. Não me sinto bem lá. Estão ocorrendo algumas coisas... Enfim, não quero mais ficar lá. Fui conversar com o meu pastor para sair da igreja da maneira certa. Entretanto, ele fez lembrar-me de onde eu vim antes de me converter. Quando saí do espiritismo, o pai-de-santo me amaldiçoou, lançando sobre mim uma série de pragas. A mesma coisa o meu pastor fez comigo!

Veja que a feitiçaria pode ser praticada não apenas num terreiro ou num centro de espiritismo, mas também dentro de uma igreja evangélica. Podemos ter muitos feiticeiros nos púlpitos de nossas igrejas. Aliás, não são poucos os líderes que hoje exercem o pastorado, mas que no passado foram médiuns, curandeiros, pais-de-santo, mães-de-santo, etc. Eles saíram do espiritismo, mas o espiritismo não saiu deles. A feitiçaria ainda opera em seus corações.

6. distorções teológicas que favorecem o abuso espiritual

Sempre que uma pessoa está doente, o que ela fala acabará repercutindo suas mazelas íntimas. Todo líder adoecido, por consequência, acabará também pregando um evangelho adoecido. Não há como anunciarmos uma mensagem “da boca pra fora”, ou apenas usando o nosso intelecto. O evangelho que pregamos se mistura também às nossas questões, passa pelo nosso coração, leva um pouco de nós também aos nossos ouvintes. Assim sendo, não tenho dúvidas de que essas distorções teológicas denunciam também as feridas e pecados não tratados na vida de um líder. Quanto mais santos estivermos, quanto mais saudáveis formos, maiores serão as chances de anunciarmos um evangelho genuíno e sem patologias.

A partir daqui, passo a descrever algumas das distorções teológicas que favorecerão o abuso em algumas comunidades cristãs.

O PASTOR COMO INTERMEDIÁRIO ENTRE DEUS E OS HOMENS

Quando um líder se torna abusador, ele acabará se colocando na posição de intermediador entre “Deus e os homens”. Com certa frequência, as pessoas se esquecem da verdade bíblica de que, em Cristo, todos foram feitos sacerdotes, como vemos em Apocalipse 1:6, “E nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai”. A doutrina do sacerdócio universal do crente foi um dos grandes legados deixados pela Reforma Protestante, a saber, que todo aquele que crê em Jesus Cristo com todo o coração, torna-se filho de Deus e pode relacionar-se com o Pai de modo pessoal, individual e íntima. No entanto, o líder abusador irá encontrar meios para sonegar essa verdade do crente, colocando-se na posição de intermediário entre Deus e o homem. Essa postura não é declarada, mas apresentada de forma sutil. Ela se torna bem evidente quando o liderado toma uma decisão diferente da que o líder aconselhou, e recebe como resposta uma repreensão por parte deste.

Na verdade, um líder que age assim torna-se rival de Deus. Sem que perceba, e com todas as boas intenções que possa ter, o abusador vai levar o seu liderado a depender mais

dele do que de Deus. Não muito raro, isso ocorre sem que o líder tenha consciência do que está fazendo.

Acerca desse assunto, Marília de Camargo comenta em seu livro:

“Figura bíblica de proteção e direcionamento, o pastor virou para muitos evangélicos um intermediário entre Deus e os homens. Assim, adota-se, num meio que tanto critica o catolicismo pela devoção a santos e ao papa, uma de suas práticas combatidas. Os católicos, pelo menos, elegem como referência figuras históricas nobres, que marcaram sua época por comprovados gestos de altruísmo e serviço ao próximo. Os evangélicos, em contrapartida, estão sendo encantados pela idolatria de imagens baratas.”

MITO DO PASTOR PERFEITO

Para alguns irmãos, descobrir que o pastor é apenas um ser humano é uma revelação de proporções apocalípticas. Alguns crentes têm a visão de que na casa do pastor, quando ele acorda, irrompe uma canção celestial embalando o seu despertar. Ele se levanta e trava um diálogo com a esposa em canto gregoriano:

- Aleluuuuuuuuuiaaaaaaa!

E ela lhe responde:

- *Glória a Deeeeeeeus!*

E o diálogo continua:

- *Vamos tomar café, minha espooooosaaaaaaa!*

Ela lhe diz:

- *Vaaaaamos siiim!!!!*

Creem que há uma atmosfera celestial dentro da casa do pastor. Isso pode parecer cômico, mas, na verdade, por trás dessa crença há o pensamento de que o líder é alguém superespiritual, alguém que está acima do bem e do mal. Quem é líder sabe do que estou falando.

Qual foi a última vez que você, líder, expôs publicamente um erro seu? Qual foi a última vez que falou de uma fraqueza sua? Qual foi a última vez que você deu um testemunho de falta de fé? Qual foi a última vez que você, voluntariamente, demonstrou, por meio de uma falha, de uma decisão mal tomada, que é humano, falível e que carece da graça e da misericórdia do Senhor?

Quanto menos o líder estiver disposto a mostrar suas fraquezas e limitações, mais sujeito ele estará de abusar de

peessoas. Quanto mais de “Deus” o líder posa, mais tendente ele se torna de abusar de pessoas.

Uma boa receita para evitar o abuso é ser mais humano, mais gente, mais humilde.

John Powell no seu livro, “Por que tenho medo de lhe dizer quem sou eu?” , fala de um famoso psiquiatra que, já na primeira consulta com um paciente, consegue tirar dele, espontaneamente, informações íntimas e valiosas sobre o problema que o aflige. Ele afirma que antes de fazer qualquer pergunta ao paciente, conta-lhe primeiro algum episódio de dor, de trauma ou de dificuldade vivida por ele mesmo. Ou seja, ele se humaniza. Isso causa na pessoa que está para ser atendida não só um sentimento de confiança pelo fato de o médico confidenciar-lhe algo pessoal, como também gera no paciente o sentimento de semelhança, de proximidade, que o faz pensar da seguinte forma:

- Se esse médico é gente como eu, eu também posso falar de mim para ele.

Quando se alimenta o mito de que o pastor é alguém sobre-humano, incorre-se no perigo de achar que o que ele pensa, sente e diz seja divino. Por ser uma distorção teológica, mais cedo ou mais tarde isso vai gerar desilusão e decepção.

Lembro-me de uma experiência que vivi. Eu era novo convertido e amava muito o meu líder. Fora ele quem me levou

até Jesus Cristo e o admirava muito, como o admiro até hoje. Mas, ocorreu algo engraçado num retiro do qual participei. Lá também estava o meu líder. Eu, novo convertido, tinha aprendido que o pastor era o “anjo da igreja” e, como todo bom novo convertido, acreditei literalmente nessa afirmação. O retiro ocorreu numa escola. Quando terminou uma das ministrações, alguns foram para quadra, outros foram para as salas de aula transformadas em dormitórios, outros para o pátio, e eu fui ao banheiro. Chegando lá, quem eu encontro? O meu pastor! Eu pensei comigo mesmo:

- O sangue de Cristo tem poder!

Foi uma decepção para mim! O pastor, o “anjo da igreja”, no banheiro!? Aquilo gerou um conflito em mim! Como era possível?

Mas, o que ocorre é que muitos líderes – não esse meu líder – gostam de ficar bancando Deus. Gostam de mostrar para os fiéis que são muito cheios do Espírito.

O mito da perfeição favorece o abuso, pois se as pessoas virem o líder como gente, perceberão que o líder é humano, portanto sujeito a erros e falhas.

Idealizar e mistificar o pastor ou o líder como sendo a voz de Deus na Terra – uma pessoa ética, amadurecida e sempre bem resolvida, seja do ponto de vista emocional, seja do ponto de vista espiritual – favorecem o abuso.

Os líderes mais humanos são os menos tendentes a abusar dos seus liderados.

O LÍDER É INQUESTIONÁVEL

Ronald M. Enroth em seu livro “Churches that abuse”, comenta: “Discordar do líder é discordar de Deus. É pregado que devemos obedecer ao discipulador, mesmo que este esteja errado. Um dos ‘homens de Deus’ de uma igreja diz que se jogaria na frente de um trem caso o ‘líder’ ordenasse, pois Deus faria um milagre para salvá-lo ou a hora dele teria chegado. A hierarquia é em forma de pirâmide (às vezes citam o salmo 133 como base), e geralmente bastante rígida. Em muitos casos não é permitido alguém com cargo importante pelo nome (seria uma desonra) mas sim pelo cargo que ocupa, como por exemplo ‘pastor fulano’, ‘bispo x’, ‘apóstolo y’, etc. Alguns afirmam crer em ‘teocracia’ e se inspiram em líderes do Antigo Testamento”

O pastor está tão divinizado, que discordar dele é discordar da voz de Deus. Para os abusadores, pastorear é uma forma de confinar as pessoas em um tipo de relacionamento no qual um cristão obedece a outro sem nada questionar. É aquele líder que diz:

- Minhas decisões são inquestionáveis. O bom soldado não questiona!

É como se ele dissesse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida...”. Mas ele é Deus? Não! Logo, sendo ele humano, o que ele diz é passível de erros.

Isto é sério! Se um líder abusador coloca a sua palavra em equivalência com a Palavra de Deus, ele se torna inquestionável. Se um líder não se permite ser retrucado, ele está se auto divinizando. Está propenso a cometer abusos.

Agora, uma advertência aos líderes. Tome muito cuidado com aquelas pessoas que dizem “sim” a tudo o que você fala! Você mesmo pode estar se iludindo. Você mal começou a falar, e o liderado já diz:

- É verdade! Sem dúvida, eu concordo!

Às vezes, no meio de sua fala, acaba mudando de opinião e o liderado também acena:

- Também concordo com o senhor!

Cuidado! É melhor ter alguém honesto ao lado, que de maneira educada e ordeira saiba demonstrar um ponto de vista diferente ou até mesmo discordante do apresentado pelo líder, do que ter alguém que, acriticamente, concorde com tudo que o líder fale, fazendo criar nele, no líder, a falsa impressão de que está sempre certo, acima de erros e falhas, fazendo-o acreditar que o que diz é mesmo o caminho, a

verdade e a vida. Será que alguém não pode dar ao líder uma sugestão sequer? Será que um liderado não tem o direito de discordar do líder em nenhuma ideia? Discordar, às vezes, é sinal de lealdade.

Quando um líder coloca a sua palavra como sendo inquestionável, os liderados podem não discordar na frente dele, mas, certamente, vão discordar por trás. A consequência disso é que, pelo fato de os liderados discordarem do líder pelas suas costas, essa atitude vai minando sua autoridade, de maneira que, quando ele perceber o que está havendo dentro da igreja ou do ministério, uma bomba já poderá estar prestes a explodir e ser tarde demais. Cuidado, portanto, com aqueles que concordam com tudo que o líder diz e faz.

É muito melhor ter alguém ao lado que, com atitude cristã, por isso submissa, aproxime-se do seu líder e diga:

- Eu o amo, eu o respeito, reconheço-o como meu líder, mas discordo. Penso de maneira diferente. Se o senhor quiser fazer assim, não minarei sua autoridade.

Será que esse líder continuará a amar um liderado assim, depois de ter sido contrariado? O líder sábio se cercará também de pessoas críticas e que terão a liberdade de expressar opiniões divergentes das suas. Se o líder se mantiver na condição de ser alguém cuja palavra não pode ser questionada, a tendência é que seus liderados se calarão

e, no fundo, se sentirão anulados. O perigo disso é que muitos desses liderados tenderão, em algum tempo, a migrar para outra congregação ou, mesmo, se rebelarão contra o líder, minando assim sua autoridade.

Deus não fez os homens robôs. A igreja é lugar de pessoas diferentes, portanto, saber conviver com a diversidade de pessoas e de opiniões é uma virtude.

Algo importante e necessário a qualquer pessoa e ao líder, em particular, é conviver com pessoas que conversem sinceramente, que sejam honestas, que discordem com lealdade, que saibam expor seus pontos de vista sem que demonstrem espírito de rebelião ou de contenda.

Em razão disso, todos precisam tomar cuidado com as posições extremadas. Nenhum extremo é bom.

Para minha surpresa, após ter escrito sobre este tópico, escutei um irmão que compartilhou conosco um conceito interessantíssimo de submissão. Segundo ele, submissão não é concordar com tudo que o líder diz. Mas como assim? A questão é lógica: se você concorda com tudo, isto não vai exigir de você nenhuma submissão, pois você já está de acordo com o pensamento do seu líder. Segundo ele, a submissão só se dá na discordância. Submissão é discordar de algo, mas acatar ao mesmo tempo. Este é o verdadeiro cerne da submissão. É quando a minha mente discorda de algo que o meu líder diz, e eu posso dizer a ele acerca disso, mas por confiar no caráter e na idoneidade deste líder, acolho a decisão dele

com “espírito de submissão”. Compreendeu?

Entretanto, se o posicionamento deste líder choca-se com o meu a ponto de tornar minha permanência no lugar como algo insustentável, meu dever seria compartilhar minha discordância com o líder (claro, se ele for aberto ao diálogo) e, com o coração submisso, optar por não permanecer mais naquele lugar e sob sua liderança. É possível fazer isso com ética e lealdade.

A PALAVRA DO PASTOR É EQUIPARADA À PALAVRA DIVINA

É uma decorrência “natural” da distorção teológica anterior. Se a palavra do líder é inquestionável, logo, ela será equiparada à palavra divina.

Isso é perigoso! Quando a opinião do membro não é mais respeitada, o indivíduo se vê dilacerado na sua liberdade, a qual foi dada por Deus. O liderado perde sua autonomia e o sentimento de perda e de anulação se instaura em sua alma.

A grave consequência disso é que as pessoas sujeitas não desenvolvem autonomia e responsabilidade pelas próprias escolhas, entendendo até que o conselho do líder é equivalente à Palavra de Deus. Se o líder sugere algo, o liderado entende que aquela sugestão é a própria palavra divina, quando, na verdade, a palavra do líder é um discernimento possível, uma sugestão, uma opinião, uma sabedoria, um conhecimento

adquirido ao longo do tempo.

Quando o líder acha que a sua palavra equivale à própria Palavra de Deus, ele não só está no caminho da prática do abuso e da manipulação, como está próximo da queda.

O CRESCIMENTO JUSTIFICA O ABUSO

Muitas vezes, o ministério está crescendo e a interpretação que se faz é que, se está crescendo, é porque Deus está abençoando. Ora, se Deus está abençoando, é porque os métodos utilizados são aceitos por Ele. Desse modo, o abuso é justificado pelo crescimento, ainda que no futuro esse crescimento se revele como sendo um inchaço provocado por arrogância, presunção e vaidade do líder, que vai gerar decepção, ceticismo e, em casos extremos, ateísmo.

Como relatei no início deste livro, a igreja do Reverendo Jim Jones, que levou ao suicídio coletivo novecentas e dezoito pessoas, contava com aproximadamente vinte mil membros, em razão do carisma e da capacidade de manipulação daquele líder. Nem tudo que cresce é resultado de desenvolvimento sadio. Um câncer também cresce, porém para a morte.

Eugene Peterson faz uma pergunta: Crescimento espiritual ou câncer religioso? É este o questionamento que muitos pastores e líderes deveriam fazer de seus ministérios:

- A minha igreja, o meu ministério está crescendo da

maneira correta, debaixo da bênção do Senhor, sem abusos e sem manipulação das emoções e da fé das pessoas, ou está crescendo pela minha força, do meu jeito, pelo meu carisma?

A IGREJA É MAIS IMPORTANTE QUE A FAMÍLIA

Muitas vezes marido, esposa ou filhos são relegados a segundo plano porque a igreja é colocada numa posição de maior proeminência do que a família. O que se precisa entender é que a primeira igreja de uma pessoa é a sua família. Deus, primeiramente, criou a família e depois a igreja (Gênesis 3). Não podemos inverter essa ordem. Paulo, quando escreve a Timóteo, diz que quem quer cuidar da igreja primeiramente tenha cuidado da sua casa (I Timóteo 3:12b).

Quando a igreja se coloca numa posição superior à da família, além de ser uma distorção teológica, problemas ocorrerão dentro do lar, nos seus vínculos e relacionamentos, uma vez que a igreja foi posta numa posição para a qual não foi criada.

Muitos problemas ocorrem na igreja porque lideranças de ministérios são dadas a pessoas que estão com a família destruída. Como confiar vidas para serem cuidadas, apascentadas, orientadas, conduzidas a alguém cuja família está devastada por problemas relacionais dos

mais diversos? Deve-se tratar primeiro da família – que é o primeiro ministério de uma pessoa – para depois assumir responsabilidades na condução de pessoas dentro da igreja. Muitos estão construindo as colunas do seu ministério sobre os escombros de sua família.

Recebi, certa vez, um e-mail cujo título era: Paul Young Cho quase se divorcia. Aquilo me chamou a atenção. Comecei a ler o texto e logo descobri que quem me enviou o e-mail reproduzira um relato do pastor Paul Young Cho, contido em um de seus livros. Nesse livro, esse pastor conta que, quando a sua igreja na Coreia estava crescendo muito, a sua esposa estava em depressão. À medida que sua igreja crescia, sua mulher mais se deprimia. Ele logo pensou:

- Isso só pode ser coisa do diabo!

Um dia a sua sogra se dirigiu a ele, dizendo:

- Você não é um bom marido para a minha filha!

Ele deve ter pensado consigo mesmo:

- É coisa do diabo mesmo! Está usando minha sogra agora!

Como não atribuir ao diabo seus problemas familiares? A igreja crescendo a centenas de milhares por ano, sendo ele o

pivô desse grande avivamento naquele país!

Até que esse homem de Deus foi orar. Deus lhe mostrou que suas prioridades estavam todas erradas. Ele então conta, naquele livro, que Deus lhe disse (cito-o adaptando o texto):

- Em primeiro lugar estou Eu. Busque sempre intimidade Comigo. Em segundo lugar, cuide da sua vida: ore, fortaleça-se, cuide de seu espírito, de suas emoções, do seu corpo, da sua alimentação, porque, se você não cuidar de si mesmo, quem vai cuidar dos outros que Eu estou confiando a você? Em terceiro lugar, cuide do seu casamento, da sua esposa, porque se você for um homem fracassado dentro da sua casa, como você vai poder pregar para a igreja? Em quarto lugar, cuide de seus filhos, porque se mais tarde você tiver filhos desviados nas drogas, no alcoolismo, na malandragem, como você terá autoridade para falar à igreja? Por fim, em quinto lugar, depois de você Me priorizar na sua vida, cuidar de você mesmo, depois da sua esposa e depois de seus filhos, e só depois disso, cuide da igreja.

Mas, o que muitos fazem? Colocam em primeiro lugar a igreja, confundindo-a com Deus. Resultado disso: ativismo religioso. Por favor, não confunda ativismo religioso com devoção a Deus.

Acerca desse ativismo, o escritor Marcos Borges (Coty) diz algo muito interessante. Ele diz que muitas pessoas que vão para a igreja tinham algum tipo de vício (ou vários deles): fumo, bebidas, drogas, sexo, pornografia. Quando se convertem – continua Coty – essas pessoas deixam esses vícios. E se o vazio deixado por esses vícios não for preenchido por uma atitude positiva e salutar, aquelas mesmas pessoas vão tornar-se viciadas em outros vícios “permitidos” pela igreja como viciadas em cultos, viciadas em ministérios. Pode parecer contraditório tudo isso, mas não é. A raiz é a mesma. O indivíduo só deixou um vício pelo outro. Trocou, por exemplo, a bebida pelo ministério. Um primeiro, reprovado pela igreja, ao passo que o segundo é aceito por ela. O ministério tornou-se a bebida dele, o vício dele.

O que houve, nesse caso, foi o deslocamento do vício, ou seja, a pessoa liberta-se de um vício mundano e torna-se escrava de um vício “espiritual”.

Aqui, também, aplica-se o princípio do cuidado com o exagero. Desse modo, tudo que é exagerado e desequilibrado não é bom, mesmo se tratando de assuntos relacionados à igreja. O que se deve buscar é o equilíbrio em todas as coisas. Tempo para Deus, tempo para si mesmo, tempo para o cônjuge, tempo para os filhos e tempo para a igreja. Quando o desequilíbrio começa a se instaurar em algum desses relacionamentos, as consequências vão aparecer lá na frente, como o filho carente de pai, o cônjuge em crise e

necessitado da atenção de alguém. Por que grandes líderes perdem seus casamentos? São ótimos modelos de pai para sua igreja, mas não conseguem ser pai em casa, para os próprios filhos. São ótimos referenciais de marido para sua igreja, mas não conseguem ser marido em casa, para sua esposa. Por que filhos de grandes líderes descambam para a homossexualidade? O ministério cresceu, mas a família foi arruinada à custa disso. Tudo em razão de serem líderes viciados em igreja.

Qualquer sucesso na vida – profissional, financeiro, ministerial –, em detrimento da família, não é sucesso; é fracasso.

VISÃO ACIMA DA PESSOA

As grandes guerras e chacinas do século XX ocorreram em função dessa distorção. Quando o ideal é maior que a vida humana, esta pode ser sacrificada em nome dele. Quando se tem uma visão, uma doutrina superior às pessoas, estas serão subjugadas, menosprezadas, porque a lei tem que ser observada, mesmo que em prejuízo da vida humana.

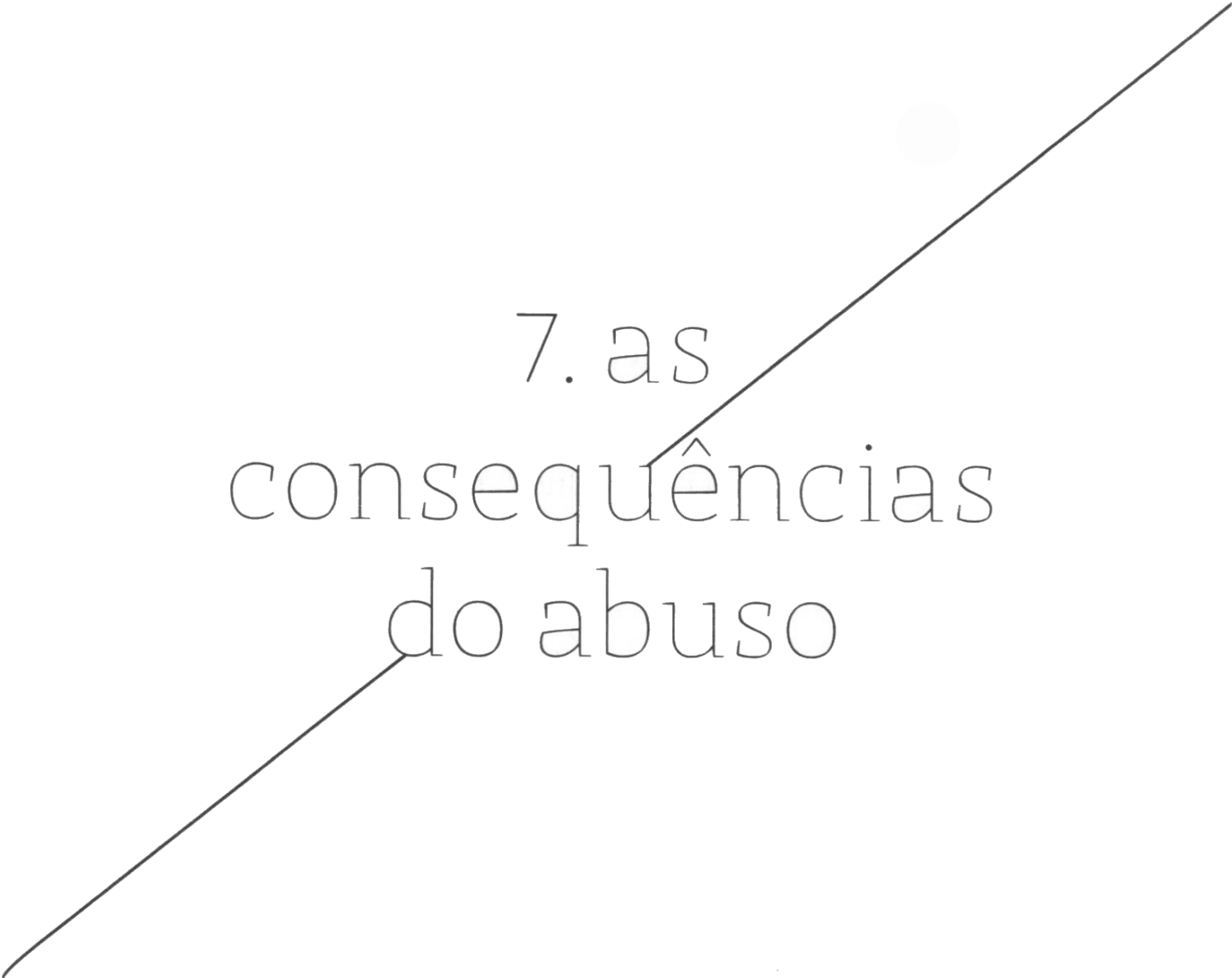
Não se trata de o líder nutrir dentro de si o desejo sádico de esmagar seus liderados, mas, por achar-se o responsável por cumprir o chamado de levar o povo à terra prometida, acaba por submeter, a qualquer preço, infiéis e rebeldes à obediência. Entretanto, nenhum ideal – por mais religioso

que se apresente – pode ser maior do que a vida humana criada à semelhança e à imagem de Deus .

No entendimento dos fariseus, o sábado era maior que as pessoas. Se a pessoa estivesse doente, não poderia procurar um médico, pois era sábado, dia do Senhor. Se estivesse com fome, não poderia preparar um alimento, pois era sábado, dia do Senhor. Jesus veio para corrigir essa distorção:

“E disse-lhes: O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Marcos 2:27).

Quando, na mentalidade do líder, teologias, regras, doutrinas e concepções ocupam um lugar mais importante que as pessoas, ele se torna insensível a elas. Suas atitudes e palavras passam a machucar, subjugar, ferir, maltratar e manipular seus liderados, matando-os emocionalmente.

A thin, dark diagonal line starts from the bottom left, passes behind the title, and extends towards the top right corner of the page.

7. as consequências do abuso

É evidente que uma liderança manipuladora e abusiva deixará sérias sequelas na vida daqueles que estão ou estiveram debaixo dela. Alguns precisarão de um bom conselheiro ou até de um profissional em psicologia, bem como de uma igreja saudável que os acolha. Listo abaixo algumas das consequências que poderão advir na vida de quem foi abusado.

AVERSÃO À IGREJA

Em razão da situação de exploração emocional a que foi submetido, o abusado não consegue discernir que esta manipulação partiu da ação de um homem, e não de outros líderes que possivelmente estão interessados no seu bem, e não têm perfil abusador. O indivíduo ferido passa a pensar que a igreja é um lugar de exploração emocional, e por isso tenderá a nutrir uma aversão à mesma como forma de se proteger de outros abusos. Entretanto, esse isolamento, além de não resolver o seu problema, o distanciará da influência saudável de líderes que poderiam ser ferramentas de cura em sua vida. Nessa lista podem estar os muitos “desigrejados” que sentem dificuldade de se adaptarem novamente a uma igreja.

O relato abaixo é típico de alguém imerso nesse sentimento:

- Faz dez anos que não abro a Bíblia. E quando vejo algum pastor pregando na televisão, tenho vontade de vomitar.¹

PROFUNDA REVOLTA CONTRA DEUS

O abusado não se sentirá apenas vítima de um líder manipulador, mas, principalmente, se sentirá usado

¹ Cesar, Marília de Camargo. *Feridos em nome de Deus, Mundo Cristão, São Paulo.*

e abusado por Deus. Associará os abusos que sofreu à permissão de um “Deus omissos e mau”. Em decorrência disso, tenderá a ter raiva de Deus, pois, como o líder era, para ele, o representante de Deus na Terra, acabará por transferir o mesmo sentimento para Ele.

PERDA DA FÉ

Se há um Deus bom, esse não foi reconhecido por meio das ações abusivas do líder. Se o líder, que falava em nome de Deus, era manipulador e explorador das emoções humanas, logo, deve ser da mesma natureza o Deus a quem ele serve. “Um Deus assim não deve ser confiável”, é o que ele vai pensar. Muitos terminam no ateísmo.

ATROFIAMENTO ESPIRITUAL E EMOCIONAL

Muitos em sua caminhada espiritual não receberam a autonomia necessária para viver a vida cristã. Suas escolhas estavam em todo o tempo sofrendo a interdição de um líder. Era o líder quem tomava as decisões em seu lugar, manipulando-o, impedindo-o de ouvir a voz de Deus. Em vez de dizer ao liderado:

- O que o Espírito Santo está falando a você? Qual o seu sentimento acerca disso?

O abusador dizia:

- O que Deus está mandando eu lhe dizer para você fazer...

Certa vez, tive um líder que eu procurava, algumas vezes, para que me ajudasse a decidir sobre algo.

- Se vira.

Eu insistia:

- Mas...

- Se vira. – Ele terminava o assunto.

Mais tarde, entendi a postura correta, comprometida e responsável daquele líder. É a lei do aprendizado. Um pai sábio permite que seu filho erre, pois sabe que os maiores aprendizados se dão nos erros da vida. Então, privar alguém de errar e aprender com isso é privá-lo da experiência do amadurecimento.

O grave resultado de uma liderança autoritária é que, no futuro, esse indivíduo não desenvolverá as habilidades básicas para ser um líder autônomo, mas sempre dependerá de alguém para tomar suas próprias decisões. Se tornará, então, em uma pessoa atrofiada emocionalmente, surda

espiritualmente, e sempre insegura em suas decisões. Ao invés de um líder, se tornará em um escravo.

Osmar Ludovico comenta que,

“Há momentos em que essa proteção e esse cuidado são necessários. Mas agir como um menininho dependente e carente anos a fio é uma patologia. Essa necessidade constante de atenção e de orientação é um sinal de infantilização do rebanho.” ²

O escritor aos Hebreus também alerta-nos:

“Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal” (Hb 5:13-14).

PROBLEMAS FAMILIARES DIVERSOS

Muitas pessoas também que estão debaixo de lideranças abusadoras acabam tendo problemas diversos em seu lar. Muitas vezes a opinião do pastor é mais importante do que a do cônjuge. O líder chega a intervir na sexualidade do casal,

² Citado por Marília de Camargo César, *Feridos em nome de Deus*, pp. 41.

nas suas decisões mais íntimas e na educação dos filhos, etc. Alguns se veem premidos por diversos cargos e obrigados a participar de diferentes reuniões (mesmo a contragosto do cônjuge), mas como “é o pastor que está mandando”, acabam se submetendo. O resultado pode ser um lar em conflito e filhos revoltados. Há casos em que a igreja se torna mais importante que o lar, e o indivíduo aliena-se completamente da sua família. Os filhos, neste tipo de lar, acabam crescendo com aversão à igreja onde seus pais participam. É importante lembrar que, de acordo com as pesquisas do Instituto Cristão de Pesquisas (ICP), uma das características de uma seita é o enfraquecimento das relações familiares³. Cada líder precisa estar atento a isso.

CAMUFLAGEM DOS PROBLEMAS EMOCIONAIS

Muitas vezes a relação excessivamente subserviente do abusado pode esconder um problema mais complexo ainda não resolvido com seus pais. Algumas perguntas devem ser feitas para entender esse ponto. Por que a pessoa abusada tem tanta carência pelo líder, pelo pastor? É possível que estejamos diante de alguém como o “filho pródigo” que saiu de casa de modo errado, e que precisa retornar ao lar (simbolicamente ou literalmente) para reparar o que foi danificado.

³ Comentário do revisor Edson Oliveira, Rio de Janeiro, RJ.

É muito importante que você esteja atento a isto: A relação transferencial de paternidade entre um liderado e seu líder, pode estar camuflando uma situação muito mais complexa da vida do liderado.

Posso dizer que eu vivi isso. Quando me converti, eu me “desviei” simultaneamente. Eu me converti a Deus e me desviei do meu pai. E, durante muitos anos, vivi essa realidade. Por causa dos problemas do meu pai, eu o anulei, substituindo-o pelo meu líder. Eu não considerava mais meu pai como autoridade em nossa família, então, acabei assumindo o papel de pai dentro da minha casa. Eu quase que virei o marido da minha mãe. O pastor da casa, o líder espiritual, o sacerdote, que era o meu pai, foi posto de lado por mim, em razão dos seus problemas, das suas dificuldades, dos seus pecados. O meu pastor, o meu líder, tornou-se o meu pai. Para mim, o problema estava resolvido. Até que um dia, o Espírito Santo me mostrou o quanto eu estava errado. Deus me deu a consciência de que o meu líder, não conseguiria saciar a fome que eu tinha de pai. Isso ocorreu num dia em que eu meditava sobre a parábola do filho pródigo. Deus me fez ver que eu agi tal qual aquele filho pródigo: saí de casa, agreguei-me a outro homem e, por fim, estava com minha alma “faminta”.

Virgínia, minha esposa, chamou-me a atenção para um comportamento meu naquela época. A qualquer lugar onde eu chegava, se visse um pastor mais ou menos com a idade

do meu pai, eu lhe dizia:

- Aquele pastor parece um pai.

Nós íamos a outro lugar, encontrávamos outros líderes lá na mesma condição, e lhe dizia:

- Aquele pastor também se parece com um pai.

E o curioso é que eu não fazia essa observação em relação a mulher alguma, ainda que aparentasse um aspecto maternal. A minha obsessão era por “pai”. Até que em um dia ela me interpelou, perguntando-me:

- Que necessidade é essa que você tem de pai? Todo mundo é pai pra você!

Eu vivia um vazio de pai. Deus começou a tratar comigo:

- Volta para casa, pródigo! E reconcilia-te com o teu pai.

Mediante essa experiência, fiz uma carta para o meu pai. Demorei quase um ano para lê-la para ele. Minha relação com ele era até boa, naquela época. Mas, ele lá e eu cá. Meu pai era dono de um posto de gasolina. E eu decidi no meu coração procurá-lo num dia e num horário em que eu sabia que ele não estaria lá. Disse a mim mesmo:

- Se ele estiver lá no posto, eu entrego a carta.

Como havia planejado, lá fui eu, num sábado à tarde. Para minha surpresa, ele estava lá. Então, resolvi que o encontro se efetivaria. Na ocasião, eu estava reformando minha casa e convidei meu pai a ir vê-la comigo. Ele aceitou, mas, quando eu disse que precisava falar-lhe algo, ele me perguntou se eu não poderia deixar a visita para outro dia. Parecia que ele suspeitava que alguma coisa iria acontecer. Eu insisti, ele foi comigo. Mostrei-lhe a casa, ele gostou, ficou maravilhado com o que viu... Até que chegou o momento em que eu lhe disse:

- Pai, eu preciso ler uma carta que escrevi para o senhor.

Não sei se alguém já viu algo semelhante, mas fui tomado por uma espécie de “possessão choral”. Não era eu que chorava, mas o choro que chorava em mim. Antes de o encontro acontecer, eu pensava que seria algo mais simples. Quão enganado eu estava! Quando comecei a ler a carta, eu chorava, engasgava, fungava, lia mais um trecho e de novo chorava, engasgava e fungava. Mas, o momento mais difícil para mim durante aquela leitura, o momento de choro mais abundante e doloroso, foi quando falei da minha conversão. Eu mesmo nem discernia o porquê naquele momento. Minha conversão tinha sido um momento tão especial para mim. Depois, eu

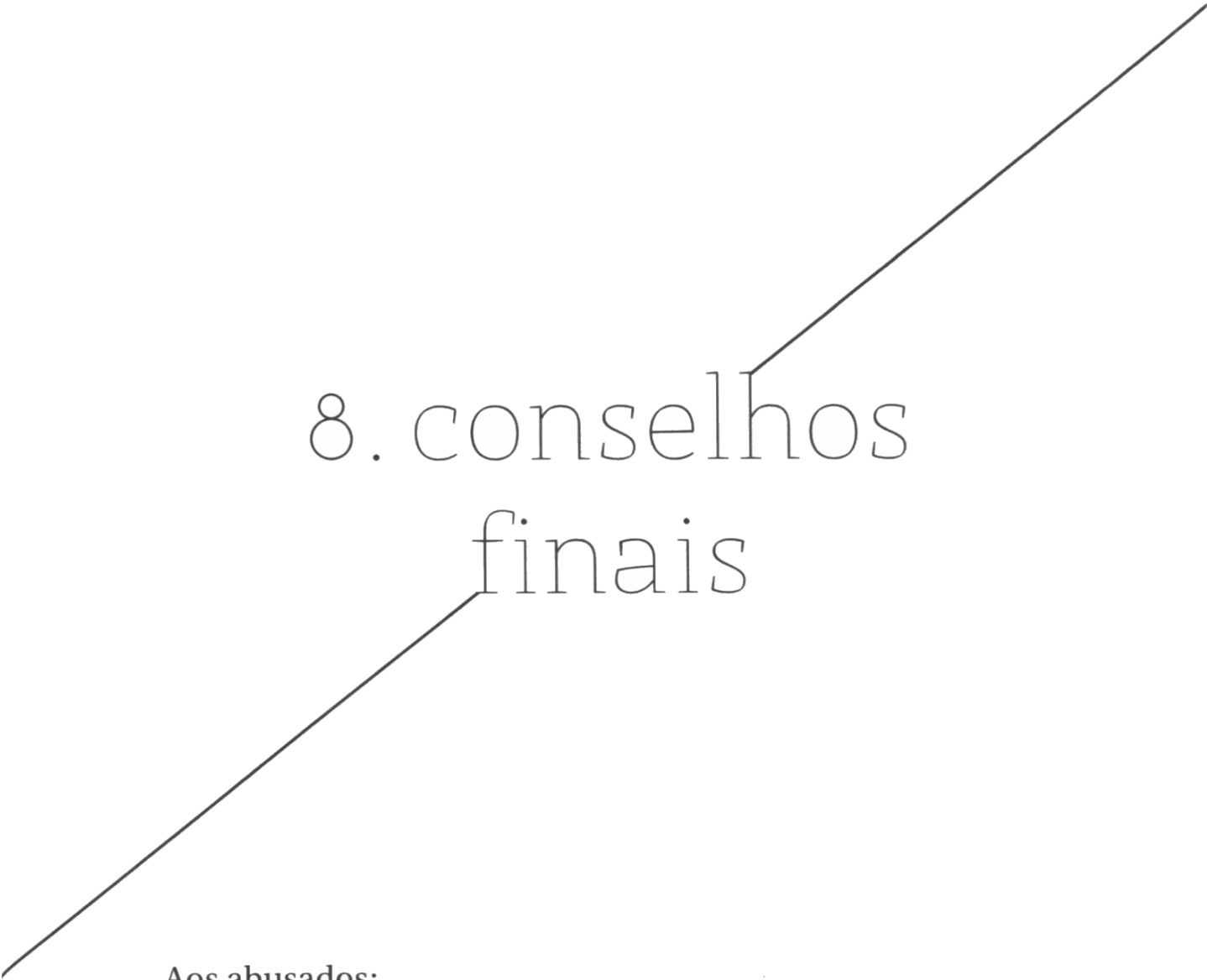
descobri que a minha conversão não foi apenas um marco espiritual, um divisor de águas na minha história. Fica claro, para mim que, dadas as circunstâncias que compunham a trajetória da minha família, minha conversão, também, significou o rompimento com meu pai, quando eu o excluí de minha vida, substituí-o pelo meu pastor. Com essa atitude, tornei-me um abusador do meu próprio pai.

Mas o que aconteceu depois da leitura da carta foi algo maravilhoso e restaurador. Eu disse para o meu pai:

- Eu estou devolvendo-lhe o seu sacerdócio, a sua autoridade (mesmo meu pai não morando mais na casa da minha mãe, mas morando com outra família e eu já casado) e a sua paternidade. Glórias a Deus pela vida do meu pastor! Mas ele não é e nunca foi meu pai. O meu pai é o senhor! E eu quero, novamente, reconhecê-lo como meu pai. Pai, ponha a mão na minha cabeça e ore por mim, me abençoando com sua autoridade de pai.

Nesses meus anos de vida, acredito que essa tenha sido a atitude mais significativa que já tomei. Houve ali uma linda reconciliação, que, certamente, já trouxe benefícios para mim não só como filho, mas como pai que sou e para outros que estão à minha volta.

Essa reconciliação me fez lembrar do último versículo do Antigo Testamento, onde Deus disse: “Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor; ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição” (Malaquias 4:5,6).



8. conselhos finais

Aos abusados:

Gostaria de deixar algumas recomendações para você, na finalização deste trabalho.

01. Entenda que todo líder é falho, assim como você. Não existe igreja perfeita, e também não existe líder perfeito. Como disse, em algum momento, todos nós temos alguma marca de abuso em nós, e precisamos reconhecer isso em nossa liderança. Assim, por favor, compreenda que não existe um lugar ou alguém que seja perfeito, ok?

02. Se você percebe que o seu líder é excessivamente abusivo e não tem consciência disso, ore a respeito. Pergunte a Deus se ele tem um propósito para você permanecer no mesmo lugar onde está. Davi esteve por cerca de 15 anos sob a liderança de Saul, e Jacó ficou 20 anos sob a liderança do sogro Labão. Ambos os líderes eram altamente defraudadores. Mas Davi e Jacó tiveram estrutura psicológica e maturidade suficiente para suportar as falhas desses líderes e discernir o momento certo de partir.

03. Caso você discirna que as atitudes desse líder têm mexido com sua estrutura emocional ou familiar, e você tem adoecido com isso, talvez seja a hora de partir. Você pode, antes, e com muita oração, tentar conversar com esse líder acerca dos seus sentimentos, mas, é muito provável que não seja bem-sucedido nesta conversa. Como já foi dito, em igrejas abusadoras, normalmente a saída costuma ser traumática. Entretanto, não custa tentar. Caso perceba que esgotaram suas tentativas, e já orou o suficiente, é hora então de ir a esse líder e dizer que você sente a direção do Senhor para partir para outro lugar. Agradeça a ele o tempo de caminhada e seja grato por todo o aprendizado. Peça-lhe que ore por você. Em alguns casos, os líderes são tão dominadores, que se negarão a fazer isso. Não há problemas; você ao menos fez

a sua parte. Acima de tudo, Deus é o seu pastor (inclusive do seu líder também!) e “antes importa obedecer a Deus do que aos homens”. Ainda assim, agradeça-lhe e vá. Siga o caminho que Deus lhe mostrará.

04. Visite algumas igrejas e busque referências de sua liderança. Seria interessante frequentar uma congregação com a qual teve alguma identificação por um tempo. Depois, compartilhe com o líder da congregação seu chamado, e assim, tudo dando certo, você estará livre para se filiar àquela comunidade.

05. Ao sair de sua igreja, nunca leve pessoas com você, a não ser a sua família. Nem Davi, nem Jacó levaram qualquer pessoa. Se você entrou em paz, saia em paz. “Bendito serás ao entrares, bendito serás ao saíres”.

06. Finalmente, se você percebe que foi ferido por seu líder, reconheça que foi ferido, bem como a dor ou o sentimento que está guardado, e procure compartilhar isso com alguém, chorar se for preciso, e após isso, caminhe no processo de perdoar e abençoar esse líder. O perdão às vezes é gradativo, por isso, faça esse exercício algumas vezes. Se achar necessário, procure a ajuda de um profissional ou de um bom conselheiro cristão para lhe ajudar.

Aos abusadores:

01. Reconheça o seu erro, por melhores que tenham sido as suas intenções. A primeira reconciliação é entre você e Deus.

02. Declare, em oração, que as pessoas que Deus confiou à sua liderança, não lhe pertencem, mas que você é apenas um servo delas para levá-las a dependerem, acima de tudo, de Deus.

03. Você deve, também, reconciliar-se com seus liderados. Peça perdão a eles. Diga que você excedeu em sua função de líder, e que renuncia todo controle sobre a vida deles. Que você se compromete a ser mais humano. Se alguma pessoa saiu de sua comunidade ferida com você por este motivo, procure-a e reconcilie-se com ela.

04. Tenha líderes ao seu lado que possam opinar sobre sua conduta e liderança. Todos nós temos dificuldades enormes para nos enxergarmos. Eleja pessoas verdadeiras e dê a elas a liberdade de opinarem a seu respeito, principalmente, quando perceberem que você está excedendo a sua esfera de liderança, e caminhando

novamente em direção à prática abusiva. Seria bom eleger líderes, tanto de sua igreja, quanto de outra localidade, aos quais você poderá confiar este encargo.

05. Procure perdoar pessoas que abusaram de você, pois você pode estar reproduzindo na vida de outros, o mesmo esquema de abuso ao qual foi submetido um dia, na vida de outros. É importante romper este ciclo.

06. Caso você tenha pessoas que não queiram estar mais sob sua liderança, sempre as abençoe. Você não é dono das pessoas; elas pertencem a Deus. Se elas estiverem erradas ou saindo na hora errada, não importa, elas são livres, e cabe a você deixá-las seguir o caminho de sua própria escolha. Deus tratará com elas. Seu papel é abençoá-las e ser grato pelo tempo que estiveram sob sua supervisão espiritual.

apêndice

PERGUNTAS PARA AVALIAÇÃO DE ABUSO ESPIRITUAL¹

Sintomas do Abuso

- Há uma pessoa que exerce controle sobre você por meio de uma exigência enérgica ou sutil?
- Você se sente controlado?
- Você se sente oprimido ou diminuído por alguém nas suas relações pessoais?

¹ Questionário extraído e adaptado do livro “Manipulação, dominação e controle”, do autor Yinka Oyekan, Danprewan editora, Rio de Janeiro, 2003

- Você sente que expectativas excessivas estão sendo depositadas em você?
- Você está se sentindo subjugado por outra pessoa?
- Há uma pessoa com quem você não pode conversar sobre as exigências que ela faz?
- Você tem medo do seu líder?
- Há uma pessoa que sempre procura desestimulá-lo quando você tenta algo novo?
- Você tem um pai na fé que o sufoca?
- Você tem um pai na fé que nunca admite estar errado?
- Você teme discordar do seu líder?
- Há uma pessoa com quem você não pode se relacionar a menos que seja subserviente?
- Planos são feitos para você sem o seu consentimento?
- Como você lida com uma pessoa que não aceita ideias que não sejam dela?
- Você conhece uma pessoa que manifesta constantemente a intenção de intimidá-lo?
- Alguém costuma pedir-lhe para fazer algo de uma forma que não lhe deixa a alternativa de dizer não?
- Há pessoas que ameaçam constrangê-lo revelando coisas sobre você?
- Há alguém a quem você teme dizer “não”?
- Você depende mais dos outros do que de Deus?
- Você deposita confiança absoluta no método de alguém para realizar as coisas e discernir pessoas e fatos?

- Você se submete a chantagem financeira de alguns membros?
- Você teme discordar de alguns membros?

Sintomas do Abusador

- Você sente compulsão em dirigir as coisas para os outros?
- Você usa de ameaças ou faz alguma chantagem quando algum liderado discorda de você?
- Você espera que os outros sempre respondam de acordo com sua orientação?
- Você tem dificuldade de seguir a orientação de outros?
- Você acha difícil crer na intervenção e na ajuda de Deus para o crescimento dos outros?
- Você acha difícil delegar responsabilidade a outras pessoas?
- Você acha impossível abrir mão de suas ideias e opiniões?
- Você tem uma atitude flexível ou inflexível em relação aos seus pontos de vista?
- Você tem o forte desejo de impor aos líderes a palavra de profecia que você traz à reunião? E se ela for rejeitada, qual é sua reação?
- Você espera que seus liderados aceitem qualquer conselho que você lhes der?
- Há alguém que depende de você de forma doentia?

- Você admite que o Espírito Santo convence o discípulo do pecado ou sente que Deus *sempre* o faz através de você?
- Quando seu cônjuge não cede ou discorda de você, você o ameaça de alguma forma?
- Você se recusa a dar atenção ou relacionar-se sexualmente com seu cônjuge na tentativa de fazer com que ele ou ela faça o que você quer?
- Seu filho ou sua filha diz, ou dá a entender que você está interferindo no casamento dele(a)?
- Seus filhos respeitam você? Você tem tentado ganhar ou impor respeito?



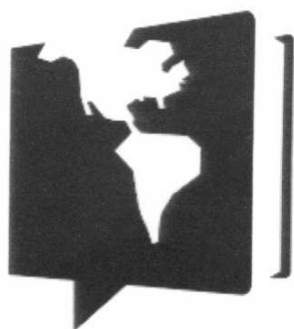
Impressão, Acabamento e Distribuição:

Gráfica e Editora Jocum Brasil

Fone / Fax: 55 41 3657 2708 | 3657 5982

email: atendimento@editorajocum.com.br

www.editorajocum.com.br



SECRAI
PUBLICAÇÕES

Av. Eldes Scherrer Souza, 1025, Centro Empresarial da Serra,
sala 409, Laranjeiras, Serra, ES, CEP 29165-680
CNPJ: 05.088.296/0001-68 - Tel: (27) 3066-7152; 3051-0877

Este livro foi composto e impresso pela Editora Jocum
Brasil, na fonte Utopia Std, em papel Offset 60 g/m²

Alcione Emerich

QUANDO O PERIGO ESTÁ NO PÚLPITO DA IGREJA

“Os que se submetem a uma autoridade espiritual precisam estar alertas. Pesquisas demonstram que pessoas podem fazer o mal quando obedecem “cegamente” a uma liderança insuflada em seu eu e adoecida pelo seu pecado. Quando abordamos este assunto, estamos simplesmente falando de alguém que extrapolou os seus limites no exercício da autoridade. A liderança agora confunde-se com o “controle de vidas”, onde alguém, usando o nome de Deus e em benefício de sua posição espiritual, fere e manipula pessoas”



ALCIONE EMERICH é o presidente-fundador do SECRAI – Serviço Cristão de Aconselhamento Integral, entidade que possui hoje bases nas cidades de Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo. Desde 1994, ele se dedica a estudar e a realizar treinamentos nas áreas de libertação e aconselhamento nas mais diferentes denominações evangélicas do Brasil e de alguns outros países. Além de sua formação em Teologia, graduou-se também em Filosofia e Psicologia (em curso) pela Universidade Federal do Espírito Santo. É membro titular da Associação Brasileira de Terapia Familiar (ABRATEF/ATEFES). É autor de diversos livros, dentre eles “Físico, psicológico ou espiritual?”, “Saindo do Cativo” e “Contaminação espiritual”. É casado com Virginia, e juntos são pais do Matheus.



ISBN 978-85-60363-59-9



www.secrai.com.br | www.editorajocum.com.br